

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO**

Felipe Simões Carneiro de Castro

**CIDADE E IMPRENSA PELAS FOLHAS DO *CORREIO DA NOROESTE*, 1930-
1935**

Bauru 2010

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO**

Felipe Simões Carneiro de Castro

**CIDADE E IMPRENSA PELAS FOLHAS DO *CORREIO DA NOROESTE*, 1930-
1935**

Relatório parcial de pesquisa de iniciação científica do bolsista da Fapesp sob orientação do Prof. Dr. Célio José Losnak, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru.

Processo: 09/52977-2

Felipe Simões Carneiro de Castro

Célio José Losnak

Bauru 2009

SUMÁRIO

RESUMO DO TRABALHO.....	04
I. INTRODUÇÃO.....	05
II. DISCUSSÃO BIBLIOGRÁFICA.....	08
1. História da Imprensa do Brasil.....	08
2. História da Imprensa em São Paulo.....	11
3. História da Imprensa em Bauru.....	12
4. História de Bauru.....	15
5. Teorias do Jornalismo.....	17
6. Gêneros Jornalísticos.....	19
7. Questões Sobre Cidades.....	22
III. O CORREIO DA NOROESTE.....	25
1. Caracterizações do Diário.....	25
2. O Correio da Noroeste e Suas Relações.....	28
a) Político-econômica.....	28
b) Preocupação local e regional.....	37
O Correio da Noroeste como Prestador de Serviço.....	42
a) Coluna Social.....	42
c) Saúde.....	43
d) Esporte.....	47
e) Educação	48
f) O Correio da Noroeste e a Imprensa.....	50
g) A Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	61

RESUMO DO TRABALHO

Este trabalho tem por finalidade fazer uma análise do jornal *Correio da Noroeste*. Os cinco primeiros anos desse jornal (1930-35) de grande circulação na cidade de Bauru, localizada no oeste paulista, serão abordados através das questões urbanas, da sociedade local e da relação com as tendências jornalísticas do início do século XX.

Sua importância consiste na explicitação da relação existente entre jornalismo e sociedade local, permitindo delinear os diversos posicionamentos políticos do jornal, bem como diante das transformações que ocorreram na cidade em que o diário circulava.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como proposta analisar o *Correio da Noroeste* como agente social e como ele serviu de intermediador entre os acontecimentos da época e a população da região por onde circulava. O contexto social, político e jornalístico no qual se apoiava o *Correio da Noroeste* nos seus primeiros cinco anos de funcionamento serão estudados e contribuirão para pensar a História da Imprensa no Brasil e, particularmente no interior, articulada a sociedade que ele representava. As consequências decorridas desse processo foram profundas e significativas na vida do aluno que, através deste trabalho, pode ampliar seus conhecimentos sobre sua profissão e superar dificuldades de articulação de texto e de idéias essencial para qualquer jornalista.

Foi optado por estudar o período entre 1930 e 1935, pois foi o ano em que surgiu o *Correio da Noroeste* e uma época de intensas transformações na sociedade brasileira. Este momento foi tão importante na história do país que em qualquer setor na sociedade houve profundas transformações após o primeiro governo de Vargas. Foi promulgada nova Constituição, surgiram partidos políticos importantes, como a AIB e a ANL, figuras políticas de destaque como Luis Carlos Prestes e Plinio Salgado aparecem no debate político nacional em torno da sucessão presidencial e o país começa a encarar também a indústria como algo capaz de desenvolver o Brasil.

Ao estudar este veículo de comunicação, podemos perceber como a imprensa no interior encarava as mudanças que ocorriam. A leve transição do governo federal em priorizar a indústria em detrimento da lavoura, as relações que existiam entre os jornais das cidades próximas, as dificuldades financeiras das empresas jornalísticas e, no caso do *Correio da Noroeste*, o início do progresso econômico que fez o jornal existir por mais de 30 anos são fatos que puderam ser detectados ao longo da leitura desses cinco primeiros anos de funcionamento do jornal. Discussões sobre a visão da imprensa do interior são normalmente marginalizadas em detrimento da história e fatos que ocorreram nas grandes capitais brasileiras. Dessa forma, é importante a ocorrência de uma pesquisa sobre que o *Correio da Noroeste* que possuía grande representatividade em muitas cidades do interior do estado.

É importante ressaltar também o interesse pessoal do aluno pela Era Vargas. A personalidade do presidente e o período governado pelo mesmo sempre despertaram no pesquisador curiosidade e interesse para conhecer a história e as

articulações políticas. Dessa forma, a leitura sempre foi encarada como prazer e uma maneira de se obter mais conhecimento.

Foi possível detectar que o tipo de jornalismo que o *Correio da Noroeste* fazia priorizava as questões agrárias e defendia o município de Bauru como gerador do progresso. As cidades da região também tinham seus interesses defendidos e igualmente eram vistas como um pólo com imenso potencial de progresso a ser explorado. A partir disso, o estudante definiu como objetivo a delineação do perfil editorial do jornal a partir da abordagem sobre a cidade e as questões urbanas passando por identificar posicionamentos políticos do periódico em nível local, estadual e nacional como expressão da sociedade do período. Ademais, identificar as concepções do jornalismo e a presença de diálogo com as tendências jornalísticas do início do século XX.

Para atingir o objetivo geral o trabalho se propôs a introduzir o aluno na pesquisa com arquivo jornalístico subsidiada por discussão bibliográfica delineadora do objeto, isto é, história da imprensa no Brasil, teoria do jornalismo, teoria da cidade e do urbano e linguagem jornalísticas. A leitura página a página e o levantamento e fichamento de matérias referentes ao tema cidade/urbano em Bauru, informam sobre o perfil editorial do veículo, as concepções de jornalismo que circulavam naquele período e esclarecem as articulações entre a produção impressa e a sociedade local.

Segundo Ribeiro (1994), o café trouxe, no final do século XIX, ao Brasil, uma nova fase de transformações e de crescimento econômico no Brasil. Em várias regiões do estado de São Paulo onde essas transformações eram sentidas com vigor, as cidades se urbanizaram, o comércio expandiu-se e o mercado ampliou-se. A instalação de estradas de ferro facilitou o transporte de mercadorias, a comunicação com a capital e influenciou na alteração da vida das pessoas através de avanços que trouxe modernização. Processo semelhante ocorreu no Oeste de São Paulo.

Em 1896, é oficialmente fundado o município de Bauru, entretanto até 1905 a cidade era apenas um local de passagem conhecido por ter bons pontos de abastecimento, principalmente para viajantes que percorriam o trajeto entre Botucatu e o extremo Oeste, denominado sertão (Losnak, p.55).

Um momento importante para a cidade foi o ano de 1904, quando decidiram que Bauru seria o ponto de partida para os trilhos da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil com destino ao estado do Mato Grosso até a divisa com a Bolívia. No ano seguinte, iniciaram as obras e, em 1910, a linha atinge as barrancas do Rio Paraná. Também em 1905, a Estrada de Ferro Sorocabana chega ao município, vindo de

Sorocaba e, na década seguinte, o processo „fortaleceu a cidade como ponto de conexão e de chegada de milhares de passageiros” e começou a afastar a imagem que o local possuía de sertão, ou seja, de cidade carente de modernização (Losnak: 2004, p.62).

A ocupação acelerada devido à ferrovia trouxe pessoas em procura de trabalho e oportunidades e empresários objetivando novos investimentos. Em 1910, outro trecho ferroviário foi instalado vindo de Jaú, construído pela Companhia Paulista de Vias Férreas e Fluviais e fortaleceu ainda mais o crescimento econômico e populacional da cidade. Em duas décadas, a população passou de 7.815 habitantes para 35.000 habitantes. Nesse período, surgiu em Bauru serviços de água e esgoto, telefone, banco, cadeia, Coletoria Federal, time de futebol e hospitais.

Além de facilitar o processo de urbanização de Bauru, a ferrovia atraiu pessoas com capital financeiro e dispostas a investir. Em 1905, apareceu o primeiro jornal bauruense: o *Progresso de Bauru*, pequeno e produzido semanalmente em Avaré. No ano seguinte, surgiu o segundo periódico: *O Bauru*, propriedade de Domiciano Silva, advogado, político e comerciante, que teve capacidade financeira para dar estabilidade ao jornal até 1908.

O progresso trouxe, além de mão de obra imigrante, novas perspectivas para os habitantes de Bauru. Segundo Losnak (2004) a produção que começa a ser gerada no comércio e no setor terciário é apresentada como determinante no desenvolvimento econômico local e a cidade se destaca na região. Na década de 30, estava consolidada a base econômica da cidade e a quantidade de pessoas dispostas a investir aumentava. Foi nesse contexto que José Fernandes fundou em Bauru, no ano de 1931, o diário *Correio da Noroeste*.

Toda a pesquisa, agregada à discussão bibliográfica, as visitas ao museu histórico, ao acervo da USC, as leituras diárias e a bibliografia sobre teorias de jornalismo merecem destaque no desenvolvimento do aluno como jornalista. O conhecimento agregado ao longo dos quatro anos de curso, associado ao aprendizado através das discussões com o orientador e outros alunos, alimentou a vontade de participar de pesquisas e influenciou o aluno na consulta de atores consagrados do meio jornalístico.

II-DISCUSSÃO BIBLIOGRÁFICA

1. História da Imprensa no Brasil

Foi a partir da chegada da família real portuguesa ao Brasil que a imprensa pode iniciar seu processo de desenvolvimento. Antes, ela era mera reprodutora dos fatos que aconteciam na corte. Festas, atos reais e condecorações estavam entre os temas mais abordados nos primeiros folhetins que circulavam no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro. Podemos afirmar que imprensa e família real estavam intimamente ligadas através do interesse da corte de D. João VI.

O jornalismo brasileiro do fim do século XIX e começo do século XX apresentavam diferentes características dos periódicos que circulavam no período da independência. Antes, a intenção dos veículos era de formar opinião em detrimento de informação, reflexo da situação agitada pela qual o país passava. Segundo Medina (1988), esse processo começa a se modificar justamente no começo do século XX, quando a burguesia passa a priorizar uma mentalidade empresarial com investimentos em rotativas e linotipos mais modernos.

Segundo Silva Junior (2003, p. 4), “uma das principais responsabilidades que recaíram sobre o jornalismo foi a de estabelecer um vínculo comunicativo entre as esferas que assumem a função central de aglutinar uma cidade: o comércio, o poder político e proteção dos cidadãos”. Essa idéia moderna de jornalismo pode ser associada com tendências do fim do século XIX e início do XX. Neste período os jornais passaram a atrair para si uma função social. Questionar a política do imperador D. Pedro II durante o segundo reinado e defender os interesses locais passou a fazer parte do ideal jornalístico a partir de então. Através das páginas destes veículos, os cidadãos conseguiriam ter voz mais ativa para defender o que interessava a sociedade.

A burguesia que investiu capital na criação de jornais no começo do século XX e conseguiu aproveitar-se das transformações do período (econômicas, políticas e urbanas) foi capaz de reunir os recursos financeiros necessários para comprar novos aparatos tecnológicos que surgiram para atingir uma escala industrial de produção e a imprensa foi uma área de negócios (Sodré, 1998). No caso dessas empresas jornalísticas, por exemplo, os linotipos, a locação de prédio para a sede da empresa e os repórteres.

O modo de produção jornalística do começo do século XX era marcado pelo caráter literário. Os jornais paulistas e cariocas tinham nomes como Olavo Bilac, Lima Barreto, Graça Aranha e Euclides da Cunha integrando suas redações. O literato que escrevia no jornal era visto como um artista que vendia sua pena por um salário. O veículo servia como um trampolim a esses homens das letras que buscavam sucesso através da divulgação de suas publicações para o grande público.

No início do século XX ocorreram transformações no caráter do jornalismo brasileiro. No exterior, principalmente nos EUA, nesse mesmo período, os jornais do início do século procuravam algo a mais que basear suas características na divulgação de eventos e na propaganda. Os jornais passaram a ter maior preocupação em informar objetivamente a população. Para isso, foi necessário o jornalismo transformar-se num “negócio com número crescente de proprietários que começavam a publicar jornais com o intuito de ter lucros e o objetivo central seria a expansão da circulação” (Traquina, 2004, p. 36). Além disso, os avanços tecnológicos permitiram que o jornal se transformasse num produto de massas, em que se podia imprimir até 95 mil páginas por hora. No Brasil, essa ascensão da burguesia associada ao avanço das relações capitalistas, que fez com que o jornal, como empreendimento individual e aventura isolada desaparecesse nas grandes cidades do país, ficando relegado somente ao interior (SODRÉ, 1998). Entretanto, Cruz aponta que é possível identificar, também nas grandes cidades, pequenos jornais que não apresentavam características industriais, mas sim artesanais, com o objetivo de atender um público mais específico. Como exemplo, os periódicos socialistas, comunistas e anarquistas, que, fabricados de forma artesanal e em menor escala, atendiam uma demanda menor de consumidores (Cruz, 2000). Dessa forma, é preciso que a tese de Sodré seja relativizada.

No Brasil, a mudança na questão da estrutura da notícia foi sentida mais fortemente a partir da década de 20, quando os proprietários dos jornais passaram a enquadrar seus repórteres nessas regras. O repórter teria a obrigação de utilizar uma linguagem simples e objetiva, diferentemente das narrativas a que estavam habituados. É nesse período que o escritor nos jornais deixa de ser uma estrela como era, por exemplo, nos tempos de Olavo Bilac e Coelho Neto. As redações passam a exigir que o jornalista seja capaz de escrever reportagens, fazer entrevistas, corrigir textos e editar páginas, ao invés de escrever contos e poemas (Costa 2005).

Essa transformação causou, aos poucos, outra mudança dentro da estrutura interna de um jornal. Ao se tornarem empresas, ele se tornou mais complexo e

apresentou uma maior divisão do trabalho. A dependência financeira também aumentou. Para cobrir os fatos, eram enviados repórteres aos locais onde as notícias aconteciam. Os custos com viagens e novos equipamentos modernos fez surgir, tanto no Brasil como no mundo, “uma nova dependência de publicidade – construiu-se uma base financeira sólida ao mudar a venda de publicidade para um custo à linha e ao organizar um sistema eficiente de distribuição baseado em transportadoras e vendas de rua.” (Traquina, 2004, p.57).

Na década de 20, ao passo que o número de leitores se ampliava no Brasil seguindo a conjuntura sócio-econômica (Cohen, 2008), a imprensa paulistana começava a adotar a objetividade em suas páginas como uma forma de se aproximar-se ainda mais da imprensa americana. Ademais, buscava-se uma diagramação mais leve e atraente, títulos de tamanhos grandes, maior número de ilustrações e tom sensacionalista e emocional (Ribeiro, 1994). Com efeito, o jornalismo tornou-se moderno e novas hierarquias formavam-se dentro do que, agora, era chamado de empresas. Agora, “o reclame transformava-se numa das formas centrais de financiamento das publicações” (Cruz, 1994, p. 156), fornecendo o caráter comercial que necessitavam para sobreviverem por mais tempo.

Essas mudanças associadas à disseminação da escrita e da leitura são consideradas fundamentais para a perpetuação da cultura letrada para além dos veículos de comunicação impresso não era somente uma forma de acentuar a importância de divulgação de uma notícia local ou global, mas “construir espaços e difundir significados para novas formas de sociabilidade”. Cruz (1994, p. 165) afirma que, nos anos 20, “a imprensa começa ser entendida não só como instrumento de articulação e discussão das posições e interesses das elites, mas principalmente como veículo de formação cultural e moral do povo”. Isto quer dizer que o jornal vai transformar o meio pelo qual ele escreve as notícias e articular as suas páginas de modo que as pessoas tenham interesse em comprá-lo. Ou seja, o que interessa à população, neste momento, também passa a interessar ao periódico, pois o novo mercado consumidor do seu produto está nas ruas e disposto a pagar por informação.

São Paulo passava por transformações econômicas que favoreceram o surgimento da chamada grande imprensa paulistana. Grandes jornais como, por exemplo, *O Estado de São Paulo* surgiram e trouxeram consigo diferentes ideais em relação à imprensa carioca.

2. História da Imprensa em São Paulo

O primeiro jornal da cidade de São Paulo foi *O Paulista*, fundado em 1823, e que teve apenas dois meses de vida e fechou devido à infra-estrutura precária e à dificuldade em se encontrar tipografias.

O primeiro jornal diário da cidade viria das mãos de Líbero Badaró, em 1829. O médico e estudioso fundou o *Observador Constitucional*. O diário utilizava-se, segundo Nobre, de uma linguagem violenta, às vezes pregando suas idéias liberais e atacando o imperador Pedro II. Segundo Nobre, a maior dificuldade da imprensa na época era manter relações com o governo que, de cunho colonizador visava manter o estado de São Paulo geograficamente isolado do resto do Brasil devido aos movimentos de rebeldia que iniciavam em seu território.

Os jornais do fim do século XIX eram grandes e de difícil manuseio, exigindo grande esforço para que pudesse ser efetuada a leitura (Schwarcz 2001). Os jornais do início do século XX apresentam as mesmas características, entretanto existem alterações quanto a diagramação. Uma clara divisão na distribuição das matérias, com a primeira página sendo mais organizada, visualmente mais favorável à leitura e apresentando seu conteúdo editorial. Os jornais do século anterior, em geral, não apresentavam essas características e eram menos organizados, uma vez que as reportagens eram publicadas nos periódicos sem essa preocupação.

Cruz (2000) afirma que, no fim do século XIX e início do século XX, em São Paulo, a consciência sobre o papel da cultura nos processos de dominação e resistência atenuou a sensação de impotência perante a força hegemônica dos meios de comunicação de massa na formação da opinião pública. O povo e a cidade começavam a se intrometer mais na imprensa, ou seja, os periódicos passavam, aos poucos, a transformar e constituir as principais práticas culturais da cidade. Diante do conjunto extremamente variado de publicações que surgiram em São Paulo na época, a cultura letrada estabeleceu estreitas articulações com os projetos e acontecimentos da cidade, principalmente políticos.

A partir do início do século XX muitos periódicos se destacaram e criaram bases econômicas sólidas. Dentre os representantes da grande imprensa paulistana está o jornal *O Estado de São Paulo*. O periódico foi o maior representante das idéias liberais da imprensa paulista dos anos 20, onde era o jornal de maior circulação. O veículo procurava despertar e indicar uma direção, influenciando de certo modo o público para as tendências ideológicas defendidas pelo jornal. Ele tinha um

projeto político para o Brasil e acreditava no seu caráter influenciador para as mudanças que pretendia e acreditava. Ele não era mero transmissor e sim um elemento atuante no processo político, demonstrando, desse modo, a tendência paulista ao modelo francês de jornalismo, opinativo e politizado. Capelato e Prado (1980) afirmam que o fato do veículo não se vincular à partido político e de se opor ao governo aparentava ser o jornal detentor de credibilidade e independência, que davam liberdade de ação ao jornal para suas tentativas de implantar um governo completamente liberal.

O Estado de São Paulo passou a apoiar o movimento revolucionário de 1930 por motivos políticos. Acreditava que a remodelação política do país, segundo uma concepção evolucionista, seria dada através da revolução (Capelato; Prado, 1980). A Revolução de 30 recebeu apoio irrestrito do jornal e essa vitória foi comemorada através de editoriais que expressavam toda a esperança no sucesso da mudança. Porém, após a Revolução, nem tudo o que planejava o jornal ocorrera e a preponderância política paulista ficou abalada. Era evidente a decepção do jornal com o Movimento Revolucionário, que ameaçava os princípios liberais, e os editoriais já explicitavam seu descontentamento passando a estimular uma Revolução, convocando os paulistas para a luta, que culminaria na Revolução Constitucionalista de 1932. A obra deixa claro que o motivo que levou o jornal a apoiar a Revolução de 32 foi a perda da supremacia política do estado de São Paulo, apesar de o jornal alegar que o que reivindicava era uma Constituição.

3. História da Imprensa em Bauru

No interior a imprensa possuía um caráter diferente dos jornais que circulavam na capital. Opostamente à cidade de São Paulo onde o número de rotativas eram maiores e mais modernas, os jornais das cidades interioranas encontravam dificuldades para adquirir máquinas que fossem capazes de imprimir suas páginas com qualidade.

Campinas e Sorocaba foram as cidades em que a imprensa apareceu com mais destaque na primeira metade do século XIX. A primeira rotativa foi instalada em Campinas em 1831 com dinheiro fornecido pela Corte portuguesa. O primeiro jornal a aparecer foi *O Paulista*, fundado em 1842 e era comandado pelo padre e ex-regente do Brasil Diogo Feijó. Segundo Nobre, “era um jornal caracteristicamente de luta, revolucionário acima de tudo, pregando a transformação do regime, e combatendo as

instituições vigentes, como (...) incapazes de realizar o bem estar da coletividade” (Nobre, 1950, p.84).

É possível perceber que a imprensa do interior caracterizava-se pela dedicação à política. A primeira página dos periódicos era destinada quase inteiramente ao cotidiano dos órgãos públicos e viagens de políticos, bem como suas ações em prol da sociedade.

A partir do fim do século XIX e início do século XX é possível notar como o surgimento das ferrovias no interior do estado ajudou a ampliar o interesse dos periódicos da capital pelo mercado do interior. Segundo Nobre (1950), o jornal paulistano *A Província de São Paulo* foi o primeiro veículo a ter preocupação de mercado com o interior. Seu proprietário, Francisco Rangel Pestana escreveu um carta a um amigo cujo demonstrava interesse em vender seu jornal em Campinas. Pensava ele que os trens facilitariam o transporte do seu diário para o interior e que não importaria o preço de venda no início. Bastaria vender alguns exemplares que, aos poucos, o nome do periódico ficaria conhecido. O interior demonstrava que poderia ter seu mercado melhor explorado pelos jornais da capital. Ademais, o proprietário do *A Província de São Paulo* desejava também criar uma agência na cidade do interior.

Em Bauru, desde o início do século - quando se iniciou a chegada das ferrovias para as cidades da região e para a própria Bauru - um elenco extenso de jornais contribuiu para a movimentação de idéias. São eles: *O Progresso de Bauru*, *O Bauru*, *A Cidade de Bauru*, *O Tempo*, *A Gazeta de Bauru*, *O Comercio de Bauru*, *O Correio de Bauru*, *O Diário da Noroeste*, *o Jornal da Manhã*, *Folha do Povo* e *o Jornal do Interior*. A defesa da lavoura e do comércio era o lema que guiava a maioria desses jornais.

A década de 1930 foi um momento novo e decisivo para a História do Brasil. Com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, a revolução de 1932 e a nova Constituição de 1934, novas discussões políticas tomaram parte nos periódicos da época e diferentes posições eram defendidas. Como exemplo da divergência política que existia no período é possível citar o empastelamento do *Diário da Noroeste*, fundado em 1926, e do *Correio de Bauru*. Por serem opositores à Aliança Liberal durante a Revolução, ambos foram depredados em 1930 logo após a vitória das forças getulistas.

O *Diário da Noroeste* é muito importante para explicar o surgimento do *Correio da Noroeste*. Este é praticamente a continuação daquele que foi empastelado em 1930. O proprietário e fundador José Fernandes era um colaborador do diário

empastelado e escrevia regularmente em edições especiais. Jorge de Castro, que fundou o *Diário da Noroeste* ao lado de João Maringoni transformou-se em redator no *Correio* e João Maringoni, após o seu afastamento por motivos de saúde em 1926, assumiu a posição que José Fernandes possuía em seu jornal e escrevia em algumas edições especiais.

A pesquisadora Talita Gobbi fez projeto semelhante a este através da leitura das páginas do *Diário da Noroeste*. Mesmo em sua curta existência de cinco anos (1925 a 1930), foi possível perceber muitas semelhanças nas características dos dois jornais. O *Diário da Noroeste* também foi um jornal diário e no início circulava com quatro páginas, com exceção de edições especiais onde o número podia ultrapassar as doze páginas. Assim como seu sucessor, questões similares eram defendidas por este veículo como, por exemplo, a questão da lavoura do café e a defesa da Estrada Noroeste do Brasil. Posicionava-se contra a questão do arrendamento da companhia e colocavam-se como os representantes de toda a zona noroeste.

Outros jornais surgiram na cidade entre 1930 a 1935. São eles: *A Folha do Povo*, *A Gazeta da Noroeste*, *A Tribuna Operária*, *O Fonal*, *Bauru Cultural*, *O Noroeste*, *Jornal de Bauru*, *Diário do Sertão* e o *Semanário de São Paulo*. *A Tribuna Operária* foi o último caso de depredação de uma redação em Bauru. O jornal se colocou contra o movimento liderado por São Paulo durante a Revolução Constitucionalista de 1932 e foi incendiado por soldados que retornavam dos campos de batalha neste mesmo ano. Durante a depredação foram encontrados impressos de propaganda comunistas que eram mantidos na redação do jornal.

Dentre os que se destacaram, sem dúvida, está o *Correio da Noroeste*. Além de ter sido o terceiro jornal diário que surgiu na cidade (os dois primeiros foram o *Correio de Bauru* e o *Diário da Noroeste*), ser composto por quatro páginas, ele foi fundado pelo jornalista José Fernandes que iniciou sua carreira na década de 20, trabalhou em jornais de Rio Claro e escrevia frequentemente no *Diário da Noroeste*. Não é possível identificar na estrutura do periódico uma divisão de assuntos conforme as suas páginas. Na primeira, localizava-se o editorial, que em sua grande maioria falavam sobre saúde ou acontecimentos políticos. Os textos opinativos eram escritos pelo proprietário José Fernandes ou um de seus colaboradores. A segunda, terceira e quarta páginas continham grande sessão esportiva com anúncios de jogos, eventos esportivos e culturais e reportagens sobre a cidade, dentre eles, crimes, falências, informações sobre cidades da região (Lins, Botucatu e Penápolis), teatro, música, ópera,

informativos sobre a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e anúncios de venda de lotes de terra. Assim como as reportagens, as propagandas não tinham local definido na diagramação, revezando aleatoriamente a ordem em que apareciam nas páginas. Vale destacar o grande número de propagandas existentes de comércio e prestadores de serviço, dentre as quais, roupas, alimentação e hotéis ocupavam grande espaço.

A partir de 1932 o *Correio da Noroeste* alterou suas características e passou a priorizar aspectos políticos em detrimento dos sociais. Neste mesmo ano, o jornal *O Estado de São Paulo* assumiu posição favorável à Revolução Constitucionalista.

Recíproco à opinião do diário paulistano, José Fernandes acreditava que a política centralizadora de Getúlio Vargas significava uma guerra contra os paulistas. Prova disso é o seu alistamento aos batalhões para lutar no front contra as tropas getulistas.

Por meio dessas observações, é possível perceber o papel que o *Correio da Noroeste* possuía em Bauru como agente social, discutia a política estadual e nacional e a veiculava dentre os leitores locais, posicionava-se e buscava atualizar a sociedade local aos acontecimentos contemporâneos. Parecia ser, e essa é uma hipótese a ser trabalhada pela pesquisa, um mediador não apenas dentre o público da cidade, mas também entre ele e outras instâncias nacionais.

4. História de Bauru

Segundo Love (1994), a região da Alta Paulista, onde Bauru está presente, estava em um acelerado processo de desenvolvimento em função da chegada dos imigrantes para trabalharem na produção de café. A cidade de Bauru, antes de 1913, era o único município existente na Alta Paulista, formada pelas linhas Paulista e Noroeste e por isso, representava grande importância e referência para os locais mais próximos. O café trouxe, no final do século XIX, uma nova fase de transformações e de crescimento econômico no Brasil. Em várias regiões do estado de São Paulo onde essas transformações eram sentidas com vigor, as cidades se urbanizaram, o comércio expandiu-se e o mercado ampliou-se. A instalação de estradas de ferro facilitou o transporte de mercadorias, a comunicação com a capital e influenciou na alteração da vida das pessoas através de avanços que trouxe modernização. Processo semelhante ocorreu no Oeste de São Paulo (Ribeiro 1994).

Em 1896, é oficialmente fundado o município de Bauru, entretanto até 1905 a cidade era apenas um local de passagem conhecido por ter bons pontos de abastecimento, principalmente para viajantes que percorriam o trajeto entre Botucatu e o extremo Oeste, denominado sertão (Losnak, p.55).

Um momento importante para a cidade foi o ano de 1904, quando decidiram que Bauru seria o ponto de partida para os trilhos da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil com destino ao estado do Mato Grosso até a divisa com a Bolívia. No ano seguinte, iniciaram as obras e, em 1910, a linha atinge as barrancas do Rio Paraná. Também em 1905, a Estrada de Ferro Sorocabana chega ao município, vindo de Sorocaba e, na década seguinte, o processo „fortaleceu a cidade como ponto de conexão e de chegada de milhares de passageiros” e começou a afastar a imagem que o local possuía de sertão, ou seja, de cidade carente de modernização (Losnak: 2004, p.62). Segundo Love, não só a região da alta paulista enriqueceu, mas sim todo o estado de São Paulo. Segundo o autor, “nas duas décadas que se seguiram a abertura das zonas pioneiras do café pela Estrada de Ferro, a produção do Estado expandiu-se rapidamente” (Love 1990, p.68).

A ocupação acelerada devido à ferrovia trouxe pessoas em procura de trabalho e oportunidades e empresários objetivando novos investimentos. Em 1910, outro trecho ferroviário foi instalado vindo de Jaú, construído pela Companhia Paulista de Vias Férreas e Fluviais e fortaleceu ainda mais o crescimento econômico e populacional da cidade. Em duas décadas, a população passou de 7.815 habitantes para 35.000 habitantes. Nesse período, surgiu em Bauru serviços de água e esgoto, telefone, banco, cadeia, Coletoria Federal, time de futebol e hospitais.

Além de facilitar o processo de urbanização de Bauru, a ferrovia atraiu pessoas com capital financeiro e pessoas dispostas a investir. Em 1905, apareceu o primeiro jornal bauruense: o *Progresso de Bauru*, pequeno e produzido semanalmente em Avaré. No ano seguinte, surgiu o segundo periódico: *O Bauru*, propriedade de Domiciano Silva, advogado, político e comerciante, que teve capacidade financeira para dar estabilidade ao jornal até 1908.

O crescimento no setor terciário, o desenvolvimento econômico da cidade e novas oportunidades de emprego trouxe, além de mão de obra imigrante, novas perspectivas para os habitantes de Bauru. Segundo Losnak (2004) a produção que começa a ser gerada no comércio e no setor terciário é apresentada como determinante no desenvolvimento econômico local e a cidade se destaca na região. Na década de 30,

estava consolidada a base econômica da cidade e a quantidade de pessoas dispostas a investir aumentava. Foi nesse contexto que José Fernandes fundou em Bauru, no ano de 1931, o diário *Correio da Noroeste*.

5. Teorias do Jornalismo

A partir dos conceitos de jornalismo de Nelson Traquina podemos perceber diversos fatores que influem na produção de notícias. Sua obra serve como referência para analisar como as notícias são geradas e nos permite analisar com mais clareza quais fatores interferiam na produção jornalística do *Correio da Noroeste* nos primeiros cinco anos da década de 30.

A primeira teoria abordada pelo jornalista é denominada Teoria do Espelho. Segundo ela, o jornalista é um comunicador desinteressado, em outras palavras, apenas um espectador que informa e reflete a realidade acima de tudo. Entretanto, sabemos que é uma teoria incompleta, pois deixa de abordar pontos nevrálgicos existentes dentro de qualquer redação.

Um desses pontos surgiu como teoria, em 1950, com David Manning e se chama Teoria do “gatekeeper”. A produção da matéria é feita com uma série de escolhas, onde os fatos passam por portões, em que algumas notícias serão escolhidas e outras descartadas, segundo o interesse pessoal dos “guardadores” deste portão. A teoria se baseou no conceito de seleção e ganhou destaque quando Manning acompanhou as atividades de um jornalista, anotando durante uma semana os motivos da rejeição de certas notícias.

Além dos “gatekeepers” existe outro elemento que atua dentro das empresas jornalísticas que podem influenciar na produção da notícia: é o elemento organizacional. A teoria defende que o jornalista se conforma com as normas da política editorial colocando-as acima de suas crenças pessoais. Segundo ela, seis fatores podem modificar a maneira de atuar dos jornalísticas dentro da empresa em que ele trabalha. São eles: a autoridade institucional e as sanções, os sentimentos de obrigação e de estima para com os superiores, aspiração de mobilidade, ausência de grupos de lealdade em conflito, o prazer da atividade e finalmente, as notícias como um valor máximo, que faz com que o jornalista não conteste a política editorial da empresa por colocar como objetivo, inúmeras notícias e o fechamento da edição no tempo proposto.

Darnton (1995) completa a teoria organizacional, ao expor a estrutura de uma sala de redação de um grande jornal, mostrando que a hierarquia de cargos implica

em uma clara divisão espacial dentro da redação. O editor chefe exerce seu comando em um escritório e os editores - assistentes dirigem grupos de editorias em uma extremidade da sala, separados dos outros por uma divisória de pequena altura. Na outra extremidade, mesas enfileiradas de repórteres ficam de frente pra os editores, atrás da divisória. Segundo Traquina (2005) o jornalismo é também um negócio e a notícia deve ser entendida dentro dessa dimensão, uma vez que ela é o produto vendido pelo periódico. Desta forma, as reportagens devem ser escritas da maneira que atraia o maior número de leitores possível, a fim de vender mais exemplares e gerar lucro para a empresa.

Outra teoria que tenta explicar a maneira como as notícias são efetuadas é a Teoria da Ação Política. Ela defende que os meios noticiosos servem aos objetivos de interesses políticos e de certos agentes sociais bem específicos. Os estudos de parcialidade fizeram surgir as premissas da teoria, na qual os interesses específicos dos grupos políticos se manifestam nos meios noticiosos de duas maneiras. Teóricos como Efron, Kristol, Lichter e Rothman argumentam que os jornalistas distorcem a notícia para a propagação de opiniões anti-capitalistas e por outro lado, teóricos como Chomsky e Herman acreditam que a opinião política está na notícia e a torna a propaganda que sustenta o capitalismo.

A percepção, seleção e transformação dos acontecimentos em notícias também resultam diferentes efeitos dentro de uma redação. A teoria que analisa esses fatores chama-se Teoria Interacionista. Nessa teoria, Traquina tem a opinião de que os jornalistas não são instrumentos ingênuos e facilmente manipuláveis pelos agentes sociais. A teoria interacionista define que as notícias são resultados de processos complexos de interação social entre agentes sociais dentre as quais é preciso destacar os jornalistas e as fontes de informação, os jornalistas e a sociedade, os membros da comunidade profissional, dentro e fora de sua organização. É a partir da interação do jornalista com a atmosfera de trabalho, ou seja, o ambiente profissional em que ele atua - os amigos que possui, o clima de amizade ou inimizade que existe dentro da redação - que se determina a noticiabilidade do fato. O tempo (o chamado “deadline” e a tirania vivida pelos jornalistas diante das horas de fechamento pressiona um repórter e isso pode mudar significativamente a qualidade e o conteúdo de seu texto. Além disso, há a necessidade do profissional de captar notícias para compor o impresso e, se possível, significativas para o jornal e para a sociedade. O acesso às fontes e aos acontecimentos

cotidianos são limites que jornalista precisa ultrapassar e o faz manter contatos que influenciam na matéria produzida.

O meio pelo qual a imprensa forma opiniões ou informa seu público é a notícia e a teoria mais completa que visa explicar o modo pelo qual ela é construída é a teoria construcionista que, segundo Traquina, explica as notícias como construções narrativas que variam de acordo com a carga cultural que cada indivíduo possui dentro da redação, ou seja, a opção narrativa que o repórter escolhe não é feita livremente. Ela é orientada pelas convenções que moldam a sua percepção pessoal em relação à pauta e em relação à sua opinião sobre o que importa ou não dentro de um determinado assunto. A teoria, segundo Traquina, é a explicação de que as notícias são resultados da carga cultural do jornalista, associada à carga cultural da sociedade na qual ele vive. Ou seja, ao escrever uma notícia, o jornalista mede bem como, para quem e por que escrever, utilizando-se de um discurso específico para atingir seu leitor.

O ponto que completa essa tese e a coloca como a mais completa é o fato de a teoria interacionista e a teoria construcionista estarem conectadas. Tanto as relações entre agentes sociais dentro e fora da empresa como a carga cultural dos jornalistas colaboram mutuamente para transformar uma determinada pauta em uma notícia diferente. A utilização de duas pessoas com relações e cargas culturais distintas, ao escreverem sobre uma mesma pauta, apresentariam textos e abordagens diferentes.

Ademais, Traquina evidencia que a rotina a qual o jornalista é submetido e os procedimentos que ele adota para construir uma notícia, são elementos que interferem substancialmente no resultado final. Em outras palavras, como afirma Darnton (1995, p.96) “os estilos de reportagem variam com o [...] lugar e o caráter de cada jornal”.

6. Gêneros Jornalísticos

Desde que a imprensa surgiu no Brasil no começo do século XIX o estilo de escrita presente nos jornais mudou radicalmente. Os estilos que surgiram com os anos não mudaram somente a forma como o leitor lê jornal, mas também a própria estrutura da empresa jornalística. Como o gênero opinativo predominava nas primeiras décadas do século XX, o público consumidor do jornal não tinha sua opinião publicada durante as edições. Era o jornal que assumia sozinho a tarefa de defender da sociedade. O jornalista era o encarregado de descobrir e opinar sobre o que deveria ser feito para, por exemplo, melhorar os problemas sociais e mudar a política econômica. Aos poucos,

entretanto, o papel do leitor como alguém que emite opinião e é ouvido aumentou na sociedade. A grande concentração de pessoas nas cidades em que os jornais circulavam, o aumento da concorrência devido ao surgimento de novas empresas jornalísticas transformou o leitor em público, ou seja, em alguém que deveria ser ouvido como parte integrante da sociedade e como público consumidor e gerador de renda para o jornal.

João do Rio certamente foi alguém que compreendeu a importância do homem comum para o jornalismo. No início do século XX, segundo Medina (1988), o famoso jornalista transformou a crônica em reportagem e foi um dos primeiros a começar coletar informações nas ruas. Essas mudanças, aos poucos, contribuíram para a decadência no estilo do jornalismo opinativo e o crescimento de notícias objetivas e diretas. A entrevista com o público nas ruas enriqueceu o conteúdo das notícias e a reputação do jornal.

A notícia, segundo Medina caracteriza-se por carregar duas funções, a de informar e de divertir. Na década de 30, os jornais começaram a se preocupar em atingir o nível de massa dos leitores e por isso enfatizava em seus cadernos, relatos de casos policiais, os panoramas políticos locais, nacionais e serviços de lazer, a preocupação com a saúde e a juventude e os acontecimentos da região, isto é, assuntos de interesse do público local (Costa, 2005).

Além da notícia, a diagramação do jornal trabalha na comunicação entre notícia e leitor. Segundo Medina (1988, p. 91) “tudo isso, que simplesmente se chama diagramação ou planejamento gráfico, compõe mais um ângulo de uma análise da linguagem jornalística”.

Outra forma de conseguir informar o leitor é a reportagem. Segundo Lage, ela (1987, p.46) “nao cuida da cobertura de uma série de fatos, mas de levantamento de um assunto conforme ângulo pré-estabelecido”. Lage estabelece diferenças entre o conceito de notícia e reportagem. Segundo o autor, a diferença principal está na pauta. Nas notícias, a pauta são indicações dos fatos já ocorridos e espera-se um desdobramento do mesmo. O *lead* é explicativo e resume os principais fatos no primeiro parágrafo. Já nas reportagens, o estilo é menos rígido e pode variar de acordo com o veículo, público e o assunto. Uma reportagem pode narrar uma história em ordem crescente ou decrescente dos fatos e a linguagem é mais livre que em uma notícia. É importante ressaltar que a reportagem caracteriza-se pela investigação (Lage, 1987).

Além da reportagem, é preciso ressaltar como um dos gêneros mais importantes que existem dentro do jornalismo, o gênero opinativo. Este é dividido em

muitos estilos: o editorial, o comentário, o artigo, a resenha, a coluna, a crônica, a caricatura e a carta. Luiz Beltrão (1980), entende que o jornal tem o dever de exercitar a opinião, pois é ela que engrandece a atividade profissional, quando expressada com honestidade e dignidade, com a intenção de orientar o leitor sem violentar as versões do ato ocorrido, e constitui um fator essencial para a obtenção da harmonia do corpo social.

Para opinar, segundo Beltrão (1980), o jornalista deve dominar a informação em três frentes. Primeiramente, a informação da notícia em si, ou seja, ele deve calcular a extensão do que chegou ao seu conhecimento, suas causas, aspectos significativos e encadeamento lógico. Em segundo lugar, ele deve reger a informação, levá-la ao conhecimento público e observar normas éticas. Por fim, o jornalista deve assistir a informação, isto é, extrair o máximo que se pode dela sem esquecer do seu conteúdo jornalístico. Desta forma, o jornalista tem grandes chances de publicar uma opinião segura.

Para Beltrão (1980), o editorial por manifestar o ponto de vista de um grupo, tem características especiais que o diferenciam de outras formas de opinar como o artigo e crônica. O autor entende que em ambas as observações a respeito de um acontecimento se fundamentam em argumentos e impressões pessoais, mas defende que no editorial, o que se destaca é seu aspecto de impessoalidade. Para o autor, “é através dele que o grupo proprietário manifesta sua opinião sobre os fatos que se desenrolam em todos os setores de importância e interesse para a comunidade (...)” (Beltrão, 1980, p.51). Em síntese, a filosofia do jornal está atrelada à sua opinião.

Na década de 50, teve início nos Estados Unidos outro estilo, que ficou conhecido neste país como imprensa amarela, ou imprensa sensacionalista. De acordo com Melo (1972, p.14) o sensacionalismo enfatiza “histórias sentimentais e de crimes que destroem e ao mesmo tempo projetam aspirações e angústia nas massas”.

Segundo o autor, o sensacionalismo é competitivo, voltado para a coleta de informações a qualquer preço e eventualmente, mentirosa. Utiliza-se a linguagem mais simples possível e é prudente evitar a utilização de línguas estrangeiras. A utilização de gírias é recomendada, principalmente quando termos policiais são necessários para compor o texto. Melo afirma que deve-se “ter por objetivo o escândalo” (Melo, 1972, p.37) e, sempre que possível, destruir a honra alheia.

A partir da década de 20, esses gêneros e estilos de escrita começavam a ser moldados de acordo com os interesses do leitor. Atraí-lo para comprar o jornal era um desafio que merecia atenção dos jornalistas, uma vez que, para sobreviver em um

mercado cada vez mais competitivo, era preciso conquistar a preferência das massas. A concentração de pessoas nas cidades e suas novas relações de trabalho como, por exemplo, no aumento do número de trabalhadores no setor industrial e a busca pelos seus direitos trabalhistas, contribuiu para que o jornal compreendesse que a opinião do público seria essencial para seu sucesso econômico e permanência no mercado

7. Questões Sobre Cidades

Analisar o surgimento das cidades nos permitirá ter uma melhor visão de como esse espaço foi capaz de agrupar pessoas e gerar um melhor sistema, no qual a capacidade de gestão dos seus habitantes foi melhorada. Bauru no início do século XX pode ser utilizada como exemplo de cidade que, como afirma Rolnik (1995) age como um ímã. Nela, seus habitantes tem a capacidade de organizar o trabalho, leis, religiões e podem aprimorar a gestão do trabalho coletivo. A necessidade de memorização e de transmissão de conhecimento dentro dela foi um dos fatores que chegaram a impulsionar o surgimento da escrita. Para a autora, as formas da cidade, isto é, seus contornos, praças, ruas e edifícios denotam o mundo dos que ali habitam. Para Rolnik (1995, p. 17) “elas podem ser lidas e decifradas como um texto”. Como exemplo, a autora indica a cidade de Machu Picchu, em que a destruição e a arquitetura em ruínas é capaz de identificar a cultura e destino do povo que ali habitava.

A gestão dentro das cidades potencializou a troca entre os homens e aumentou a divisão do trabalho. Para a autora, “ao aglomerar em um espaço limitado uma numerosa população, cria-se o mercado” (Rolnik, 1995, p.26). Desta forma, o mercado passa a exigir cada vez mais uma especialização das profissões e surgem diversas técnicas que foram capazes de melhorar a vida do homem, tais como a metalurgia, a fabricação de vidros, de cerâmica, etc.

A partir disso, uma nova conjuntura urbana é criada nas cidades e a organização da produção é baseada na divisão do trabalho entre o campo e a cidade. Essa redefinição do espaço interno e externo das cidades acaba por atrair grande quantidade de pessoas das zonas rurais para a urbana, devido às maiores oportunidades de crescimento pessoal e financeiro. Ao longo de toda a história, o êxodo levou a noção de poder para as cidades, ou seja, o trabalhador, neste espaço, está livre e não preso à terra. É a força do trabalhador livre que move as grandes empresas que começam a aparecer no fim da década de 20, no estado de São Paulo, principalmente na capital. O lucro das manufaturas e o salário dos empregados favorece a lógica capitalista nas

cidades e a acumulação de capital permite o surgimento de outras empresas que aparecem para prestar serviços à massa que migra para as cidades, entre elas, empresas jornalísticas.

Segundo Capelato e Prado (1980), nas primeiras décadas do Século XX, o jornal *O Estado de São Paulo* considerava a lavoura e a indústria os dois principais alicerces da grandeza do Estado de São Paulo. Foi a riqueza gerada pelo café aliada às ferrovias foram os fatores que permitiram o processo de urbanização e do aparecimento de infra-estrutura em algumas cidades paulistas, como Bauru, por exemplo.

No fim do século XIX, essa fase próspera, segundo Martins e Luca (1990), resultou da especial conjuntura vivida pelo país, definida pelo momento econômico do apogeu do café e da diversificação das atividades produtivas, da nova ordem republicana e de programas de alfabetização. A Guerra do Paraguai foi decisiva para a vinda de muitos imigrantes para o interior do Estado, muitos dos quais se apropriaram de terras no interior do estado (Bastos, 1990). Segundo o autor, muitas pessoas preferiram imigrar a se sujeitar ao alistamento militar. Ademais, os estados de Minas Gerais e do Rio de Janeiro sofriam cada vez mais com a pobreza após a decadência da exploração do ouro na região. Desta forma, “muitos mineiros e fluminenses deslocaram-se para a região com o fito de explorá-la. Dessa decisão, nasceram as fazendas, os povoados, as vilas e as cidades” que, hoje, ocupam a região da alta paulista (Bastos, 1990 p.39).

Historicamente, a concentração de pessoas culmina com o surgimento de cidades. A aglomeração de indivíduos torna necessária uma gestão que saiba administrar a vida coletiva dos seus habitantes. Segundo Rolnik, “a cidade significa, ao mesmo tempo, uma maneira de organizar o território e uma relação política. ” (1988, p.21). O grande número de habitantes em um mesmo local torna imprescindível a criação de instituições que tenham a capacidade de gerir e administrar os recursos que dela provem. Os partidos políticos são exemplos de órgãos que, devido ao grande número de opiniões dentro de um mesmo espaço, surgiram para dar força a essas vozes e serem capazes de catalizar diferentes pensamentos e organizá-los dentro desse espaço coletivo.

Para Cruz, (2000, p. 80) “o crescimento da cidade, a diversificação das atividades econômicas, a ampliação do mercado e o desenvolvimento da vida mundana são incorporados às formas e conteúdos” dos periódicos, no começo do século XX. Nesse processo, o jornal assume, finalmente, sua função como „suporte aglutinador e

veículo de construção da visibilidade pública de inúmeras práticas culturais, [...] representada por pequenas [...] folhas [...]”¹. É possível, assim, traçar um paralelo entre essas duas forças que surgem. De um lado, as cidades, local em que cada vez mais pessoas se aglomeram e exigem infra-estrutura moderna capaz de atender a todos os seus diferentes habitantes. De outro lado, está o jornal, que tem agora a missão de gerar informação e entretenimento em massa (Silva Junior, 2003). Assim, o jornalismo se aproximou do cotidiano da vida urbana e com isso, segundo Cruz, transformou-se “no principal produto da cultura impressa e [...] emerge como um importante espaço de renovação da cultura letrada e do debate público.” (Cruz, 2000, p.71).

III. O CORREIO DA NOROESTE

1. Caracterizações do Diário

Entre 1930 e 1935 o *Correio da Noroeste* era publicado diariamente, exceto nas segundas-feiras e apresentava sua distribuição e organização dos conteúdos de maneira regularmente fixa, com pequenas mudanças no padrão. As edições contavam com quatro páginas e em raras exceções seis, oito, dez ou até doze (essas em raríssimas ocasiões, como edições de aniversário ou outras datas comemorativas). As notícias eram distribuídas aleatoriamente conforme tamanho e encaixe nas páginas. A capa seguia o formato das demais, com a manchete principal acima de todas as outras matérias. Curiosamente, a manchete principal não continha texto ou maiores informações, mas apenas uma nota de um fato que havia ocorrido no exterior. O diferencial era o cabeçalho contendo o nome do jornal, o nome do diretor, data e o número da edição, número da página entre outras informações adicionais sobre o próprio jornal.

O conteúdo era distribuídos da seguinte forma, a primeira era dedicada principalmente à publicação de artigos, notas de acontecimentos nacionais ou internacionais. Em geral, o artigo era sobre a política ou economia nacional e tomava grande parte do espaço em relação às outras matérias. Na segunda página, constavam pequenas e diversas notícias além de notas que geralmente abordavam acontecimentos locais como festas, acontecimentos, encontros sociais e lazer. O pesquisador vai chamar, na análise, essas matérias de “quadros fixos”, em razão da sua organização e permanência constante em suas folhas. Esses quadros facilitavam o leitor na compreensão e busca de informações específicas tais como, por exemplo, o Correio Forense, Correio Social, Registro Civil, etc. É nessa página onde, geralmente, eram estampados os assuntos referentes a cidade e a região.

A terceira página, quando a edição era de quatro, dedicava-se quase sempre a informes públicos da prefeitura, divulgação de balancetes municipais e editais de convocação e falência e a outros quadros fixos, como o Correio Esportivo, o Correio de Lins e Correio de Mato Grosso. Quando a edição continha seis páginas, era na quinta que constava os informes da prefeitura e se aumentava a publicidade das outras folhas. A quarta era praticamente exclusiva para anúncios e mantinha os mesmos anunciantes por várias edições seguidas. A publicidade também ocorria nas demais páginas, mas quase sempre de maneira, discreta e sem organização. Os títulos das reportagens eram compridos e traziam muita informação. Em muitos casos a própria linha fina também já

resumia todo o conteúdo da matéria que, em muitos casos, apenas repetia a informação já transmitida na manchete.

O jornal não costumava usar fotos de pessoas ou outras imagens para ilustrar e complementar uma notícia. O *Correio da Noroeste* se destaca pela grande quantidade de textos e publicidade. Pequenas gravuras ou desenhos acompanhavam certos anúncios, como de carros ou eletrodomésticos, mas dificilmente havia uma foto da autoridade ou do local citado em uma matéria. A personalidade mais ilustrada certamente foi o presidente da república, Getúlio Vargas.

Apesar do padrão e organização de páginas e conteúdos que o periódico buscava seguir em relação às notícias, os assuntos referentes à sociedade local eram sempre publicados sem um critério definido. Desse modo, assuntos pessoais como dívidas, agradecimentos ou aviso de viagens de certas autoridades, ganhavam espaço no periódico, mas como não havia um padrão coerente, os conteúdos eram vistos muitas vezes em locais distintos em suas publicações. O *Correio da Noroeste* correspondia às características dos jornais que circulavam no fim do século XIX e suas folhas apresentavam atraso no quesito diagramação e disposição dos assuntos nas folhas, em relação aos jornais mais modernos localizados na cidade de São Paulo. Schwarcz (2001) aponta que os jornais entre o fim do século XIX e o começo do século XX eram extremamente localistas e isso fazia parecer que os assuntos tratados eram familiares aos leitores.

Segundo Barbosa (2007), essa marca pessoal de escrita, que visa aproximar o leitor do periódico tem caráter sensacionalista e influenciava o leitor a tomar partido, ou seja, o repórter tentava induzir o consumidor do jornal a acreditar no que estava lendo. Como exemplo, citamos casos de assassinatos em que os crimes locais são descritos com minúcias e detalhes. Entretanto, também existem reportagens em que os relatos são de crimes que ocorreram em cidades distantes do Brasil e até mesmo no exterior. Em muitos casos, o jornalista reproduziu a notícia exatamente como lhe chegou às mãos a partir de outro jornal ou teve seus fatos ampliados negativamente para criar sensacionalismo. É como se o repórter tivesse escrito como Truman Capote e seu gênero de romance de não-ficção, mas sem a apuração precisa dos fatos, como fazia o norte-americano.

Em outras palavras, o repórter exagerava no relato dos casos de crueldade e era veemente na narrativa para tornar o texto mais atrativo para os leitores. Como exemplo, utilizamos uma matéria do dia 31 de julho de 1931: *Esmagaram-lhe o*

crânio com a mão de pilão. A reportagem aborda um crime e utiliza-se de um título chamativo para prender a atenção do leitor e vender mais jornais.

Politicamente o *Correio da Noroeste* era explícito em relação a quem apoiava (setores agrícola e comercial) e suas edições apontavam para a política como uma temática muito forte no período. Segundo Bahia (1990) “a partir de 30 a economia se verticaliza (...) com novos capitais na indústria e no comércio interno e externo. O governo propõe novas prioridades, entre as quais a siderurgia (...)”. Apesar de não criticar os novos rumos dos recursos do governo federal à indústria, o jornal diariamente mantinha o discurso de que a lavoura era salvadora da economia nacional e guia do desenvolvimento do Brasil.

Toda essa preocupação nos permite interpretar como o periódico via a própria imprensa como algo que tinha o dever de prestar contas à sociedade, ou seja, do papel de watchdog que, segundo Traquina (2005), de proteger os cidadãos contra abusos de poder do governo. Aspectos políticos, econômicos e sociais sempre visavam o cidadão.

Desta maneira, o veículo valorizava os acontecimentos internos dentro de uma equipe jornalística como, por exemplo, a contratação de repórteres, compra de linotipos e furos jornalísticos. A valorização da imprensa se passava através de diversas notícias em que o periódico enfatiza os furos jornalísticos que deu, as investigações a que deu procedência e às manifestações que apoiou. O fato mais latente foi a homenagem que o *Correio da Noroeste* prestou à imprensa bauruense no dia 1º de setembro¹. Nesta data, celebra-se o dia da imprensa e foi reunida uma mostra de diversos jornais impressos que existiram m Bauru até então. A campanha teve vários dias de duração, homenageou personalidades da imprensa local e ganhou destaque especial nas páginas do veículo.

Algo importante que também merece ser mencionado é a idéia de que a empresa existe para proteger a sociedade contra abusos - seja do poder, seja de outras frentes da sociedade – contra a liberdade. Por isso é importante destacar também o papel de guardião dos jornais. Para uma empresa jornalística isso é primordial, pois “tal como a democracia sem uma imprensa livre, é impensável o jornalismo sem liberdade” (Traquina, 2005. P. 23).

¹ O dia da imprensa, 01 set. p.1 1931; O dia da imprensa, 03 set. p.1 1931; No dia da imprensa saudamos todos quanto nos lides da pena, batalharam pelo progresso de Bauru, e prestamos a homenagem da nossa saudade aos que tombaram na jornada, 10 set. p.1, 1931; A nova máquina do *Correio da Noroeste*, 19 set. p.1 1931; A minha ideia, 24 set. p.1, 1931;

O *Correio da Noroeste* coloca-se como defensor da liberdade de imprensa, da democracia para o Brasil e defendia interesses sociais em suas páginas. Na edição de número 120, do dia 29 de outubro, até o fim do mês de dezembro, o veículo estampou como manchete principal a seguinte notícia: *Continuam os protestos contra a alta da energia elétrica*. Um aumento no valor na energia elétrica em Cafelândia, desencadeou uma série de protestos em todas as cidades da região. A culpada, segundo o jornal, era a Cia. Paulista de Força e Luz

No primeiro dia dos protestos, o jornal publica uma reportagem que visa relembrar a população de um ocorrido semelhante e no qual ela não agiu. Segundo a reportagem, o *Diário da Noroeste*, três anos antes, exaltou o povo para protestar frente a Câmara Municipal contra um problema (que não é possível identificar apenas pela reportagem, pois trata-se de algo específico e não há maiores explicações), entretanto, ninguém compareceu e os interesses da empresa que supostamente prejudicou a população predominou. Assim, segundo o *Correio da Noroeste* era preciso os bauruenses exigissem que o contrato entre a prefeitura e a Cia. De Luz fosse honrado e que os preços da energia voltassem ao valor normal.

O diário incentivou protestos em outras cidades e conseguiu, inclusive, a iniciar uma greve em que os moradores de Bauru passaram a não utilizar mais energia elétrica a fim de prejudicar a companhia. É importante ressaltar que a violência durante os protestos nunca foi incentivada e que o veículo também foi democrático ao fornecer à Cia. Paulista de Força e Luz a chance de se defender através das suas páginas.

É possível perceber também que o conceito de objetividade estava longe de ser uma prática comum. O primeiro diário a implantar esse modelo no Brasil foi o *Diário Carioca*, fundado em 1928, mas apenas em meados da década de 50 foi colocado em prática. Segundo Cristiana Costa (2005), foi apenas a partir da década de 50 que o modelo de jornalismo americano e de texto conciso com *lead* começou a ser implantado no país. É utilizado o formato de pirâmide invertida em que é priorizado os fatos e deixada de lado a opinião do repórter. Para a Costa (2005, p.100), foi o fim “daquelas intermináveis digressões que costumavam preceder a informação propriamente dita”.

2. O Correio da Noroeste e Suas Relações:

a) Político-econômica

Através da leitura do *Correio da Noroeste* entre o período de junho de 1931 até a data de dezembro de 1935, é possível afirmar que o jornal se caracterizava por privilegiar as notícias de cunho político, principalmente as matérias que interessavam aos lavradores da cidade de Bauru e região. Enfatizava diariamente que a nova política do governo Vargas ao apoiar a indústria era positiva, mas seus editoriais eram marcados pelo elogio à lavoura, “o verdadeiro caminho para transformar o Brasil em um país de destaque no cenário mundial”².

Além dessa forma diária de dizer ao público do poder que a lavoura paulista ainda possuía economicamente sobre o Brasil, fazia parte da política editorial do *Correio da Noroeste* elogiar a lavoura através de colunas opinativas dos diretores do jornal, atualizando os congressos dos partidos da lavoura - principalmente o PRP e o PRM e notícias que citavam onde se encontravam personalidades importantes da região que movimentavam a agricultura.

No ano de 1931, durante todo o segundo semestre, o *Correio da Noroeste* publicou seguidas reportagens que criticavam o então Ministro da Fazenda, José Maria Whitaker³. Editoriais criticavam sua postura ao aumentar tarifas alfandegárias para o transporte do café, acusavam-no que sua política protecionista privilegiava apenas banqueiros e, aos poucos, o jornal começou a fazer campanha para sua demissão, até que em outubro de 1931, o ministro se demite da pasta da Fazenda. Segundo Caroni (1982), o ex-ministro tomou tal atitude, pois era contra a incineração das sacas de café, que entre os anos de 1928 e 1930 bateram recorde de produção e guiariam os cafeicultores ao desastre devido à crise de superprodução e o crack da bolsa de Nova Iorque, em 1929. A opinião contrária do ministro em relação aos lavradores, certamente não agradou o público leitor do diário e, conseqüentemente, gerou as críticas presentes em suas páginas durante esse período.

Através da leitura do jornal, podemos concluir que o público leitor do *Correio da Noroeste* era constituído, sobretudo, de pessoas ligadas à lavoura e à produção do café. Através dos avisos que eram publicados no jornal à população, é

² Para onde? *Correio da Noroeste*. Bauru, 19 de ago. de 1931

³ A Obra do Sr. Whitaker *Correio da Noroeste* 06 set. 1931 p.1

Cedendo? *Correio da Noroeste* 08 set. 1931 p.1

A cidade que nunca tem estampilhas *Correio da Noroeste* 11 set. 1931 p.4

A política do Sr. Whitaker *Correio da Noroeste* 01 out. 1931 p.1

O Sr. Whitaker pediu demissão? *Correio da Noroeste* 03 out. 1931 p.1

O câmbio, o Banco do Brasil e o Sr. Whitaker *Correio da Noroeste* 06 out. 1931 p.1

Os políticos, os tenentes e o Sr. Whitaker *Correio da Noroeste* 17 out 1931 p.1

A propalada demissão do Sr. Whitaker *Correio da Noroeste* 18 out. 1931 p.1

possível notar que as pessoas que consumiam o jornal, formavam a elite política e econômica bauruense. A Sociedade Beneficência Portuguesa⁴, a Associação Comercial⁵ e o Clube Bauruense⁶ - local onde ocorriam as festas, banquetes e bailes da cidade - publicavam freqüentemente em suas páginas avisos sobre festas, convocação para eleição de diretores e novos presidentes. Logo, é possível perceber que o *Correio da Noroeste* possuía grande público leitor também dentro da camada comercial da sociedade bauruense. Além disso, eram freqüentes as notícias sobre congressos do Partido Republicano Paulista, denotando a posição política a qual pertencia o jornal.

É possível perceber que o *Correio da Noroeste* defende a lavoura cafeeira após observar o grande número de reportagens e notícias que defendem o interventor federal de São Paulo, Waldomiro Lima⁷, a partir de janeiro de 1933. As viagens feitas pelo interventor merecem destaque na cobertura diária, assim como as reuniões às quais comparece. Seu nome faz parte no elogio diário nos editoriais e sua agenda política é freqüentemente apresentada em forma de notícias e reportagens.

Carone (1982) afirma que “na história do café, nenhum governo tomou tantas medidas a favor da cafeicultura como (...) os tenentes interventores João Alberto e Waldomiro de Lima” (Carone, 1982, p. 29). O autor afirma que o interventor federal de São Paulo Waldomiro de Lima tentou, durante todo o seu período em que esteve no poder, tentar captar a simpatia dos cafeicultores, pois pretendia tornar-se candidato ao governo constitucional do Estado. Sua política consistia em buscar aproximação com todos aqueles que se opunham ao Partido Democrático, isto é, com o Partido Republicano Paulista, cafeicultores, tenentistas e o Partido da Lavoura. Waldomiro de Lima suprimiu impostos estaduais que incidiam sobre a exportação do café e também a taxa de emergência que era cobrada por saca. Segundo Carone, “é devido aos seus esforços que Getúlio Vargas decreta a Lei da Usura e a Moratória de abril de 1934” (Caroni, 1982, p.33).

Nas páginas do *Correio da Noroeste* era publicado diariamente o *Correio Comercial*. Tratava-se de um quadro contendo as últimas informações sobre a cotação dos tipos de café no porto de Santos, bem como o valor do dólar do dia. Segundo Love

⁴ Aviso *Correio da Noroeste* 21 mar. 1933 p.3

⁵ Associação Comercial *Correio da Noroeste* 20 jan. 1933 p.4

⁶ Carnaval *Correio da Noroeste* 07 fev. 1933 p.3

⁷ O General Waldomiro Lima não deixará o governo de São Paulo *Correio da Noroeste* 09 fev. 1933 p.1

Visita do interventor a São Manuel *Correio da Noroeste* 13 fev. 1933 p.4

Conferências *Correio da Noroeste* 28 mar. 1933 p.4

A moratória *Correio da Noroeste* 30 mar 1933 p.1

(1982), isso era um dos elementos vitais no comércio do café, pois os produtores faziam seus cálculos do que exportavam em mil réis, entretanto recebiam, na maioria das vezes, em dólares, marcos, francos ou libras, isto é, moedas mais fortes. Isso, inclusive, fazia com que alguns exportadores pressionassem um processo de depreciação dos mil réis, para maximizar seus lucros. Entretanto, o governo era contra essa política, uma vez que tinha que financiar a dívida externa causada pelos empréstimos junto ao exterior com câmbios externos cada vez mais caros. O *Correio Comercial* - para um grande agricultor da região em que o *Correio da Noroeste* circulava - certamente auxiliava na troca de informações e na execução dos negócios do dia-a-dia.

No início da década de 30 é perceptível o surgimento de matérias que traziam informações sobre o plantio de algodão no Estado de São Paulo. Como o preço do café não apresentava perspectivas de melhora, os fazendeiros optaram por outras culturas. Segundo Love, “a exportação de algodão que representara 2% do total das exportações brasileiras entre 1925 e 1929, passou para 19% no período de 1935 a 1939” (Love, 1982, p.79).

Esse aumento exponencial é refletido em algumas matérias no *Correio da Noroeste*. Em uma reportagem da data de 19 de fevereiro de 1933, o jornalista afirma que pretende, através do artigo, provar porque o estado de São Paulo contribui de forma superior para o crescimento do Brasil. Ele cita como exemplo, que o consumo de algodão no país em 1932 foi de 90 milhões e meio de quilos e que o Estado de São Paulo consumiu um terço deste valor. Em outra reportagem, esta do dia três de março do mesmo ano, o *Correio da Noroeste* trás a informação de que no ano de 1932 o estado exportou 1.925.552 quilos de algodão.

Carone afirma que “a intensificação da cultura algodoeira mostra a crise do sistema cafeicultor” (1982, p.51). O autor afirma que em dezembro de 1932, 651 fazendas do estado de São Paulo estavam hipotecadas, o que deixa claro o por que do jornal privilegiar informações que traziam boas notícias para o setor que, em crise, sofria com as dificuldades econômicas, o aumento do desemprego e a queda dos salários e da produção.

Após a Revolução de 30 e a queda do PRP, segundo Love, “pela primeira vez na história, as oligarquias agrárias compartilham poder com a classe média” (Love, 1982, p.162), representada pelos tenentes. Dessa forma, em um plano federal, Getúlio Vargas e seu ministério passam a representar os interesses das oligarquias, enquanto nos estados, os tenentes se apossam do poder executivo, caso de Waldomiro Lima

(interventor federal, em 1933) e Sebastião Lins (prefeito entre 1932 e 1933). O poder não estava mais concentrado nas mãos de um único partido e outras agremiações políticas começaram a surgir.

Segundo Caroni (1982), em São Paulo, o Partido Democrático era o único partido que se manteve após a revolução de 1930, porém a luta contra o tenentismo resulta na reorganização do Partido Republicano Paulista, em 1932. Devido ao momento em que seriam votados candidatos para a Assembléia Constituinte em 1933, é possível notar o destaque que o *Correio da Noroeste* destina a novos partidos que surgem, tais como o Partido da Lavoura, o 25 de Janeiro, o Partido Liberal Paulista, o Partido Socialista, além dos de tendência tenentista, integralista e proletária.

Caroni afirma também que se “forma um panorama político bem mais complexo que o existente na primeira república, pois, agora, a realidade partidária se amplia em três frentes” (1982, p.189). A primeira constituía as oligarquias agrário-burguesas que ainda exerciam certa dinâmica política local representadas pelo PD e pelo PRP. Existiam também pequenos segmentos oligárquicos, agora aliados a grupos da pequena burguesia tenentista que fundam o Partido da Lavoura e o 25 de janeiro, que estão ligados a segmentos da pequena burguesia e à Ação Integralista Brasileira. Por fim, há o operariado que está ligado ao Partido Comunista ou faz frente única com segmentos da pequena burguesia e lutam no Partido Socialista Brasileiro.

As notícias baseavam-se na divulgação de núcleos locais que foram fundados em Bauru e nas cidades da região, tais como Presidente Alves, Garça e Penápolis, convocação para eleições dos partidos, existência de Congressos e reuniões dos partidos em São Paulo, informativos de manifestos à população e discussões em torno da mentalidade e programa do partido.

É possível detectar em suas folhas o conflito existente entre os lavradores e o governo federal. Com a mudança do Instituto Nacional do Café, para Departamento Nacional do Café, segundo Caroni (1982), a direção administrativa desse órgão passa das mãos do Estado para o Governo Federal. Agora, a Federação é quem indicava os três nomes que representariam a diretoria da instituição, ou seja, Getúlio Vargas controla os preços do café, pois como chefe do Governo Provisório, passava a ser o maior comprador e vendedor do produto no Brasil.

Diversas notícias deixavam transparecer certa insatisfação dos agricultores e o governo Vargas. No dia 23 de março de 1933 a reportagem apresenta a informação de que após a determinação do Departamento Nacional do Café de comprar

café por um preço abaixo do mercado, o Instituto de Defesa do Café fez um pedido de reconsideração, uma vez que os preços eram inferiores aos que o café estava alcançando.

Uma tecla na qual o *Correio da Noroeste* também bate politicamente é a questão da criação de uma Constituição para o Brasil. Após a revolução de 30, a demora para colocar o país dentro de uma norma Constitucional incomodou setores liberais paulistas da sociedade, os quais iniciaram imediatamente campanha para pressionar o governo, a fim de restabelecer os paulistas no poder.

Reclamações contra a constante troca de interventores no Brasil não agradava aos jornalistas, que cobravam estabilidade política, o que, segundo eles, afetava imediatamente o setor econômico brasileiro e sua imagem no exterior. Reportagens diárias e principalmente os editoriais insistiam em afirmar que a Constituição era necessária para recolocar o país no caminho do desenvolvimento.

Como era um jornal que defendia a noção de progresso associado à prosperidade econômica e social e, conseqüentemente, defensor da ordem pública, o *Correio da Noroeste* prezava pela elaboração de leis para o país que, no momento, segundo José Fernandes em um de seus editoriais, iria culminar politicamente em uma ditadura, uma vez que não havia Constituição para frear qualquer tipo de decisão que não favorecesse o país.

Ademais, durante a década de 30, segundo Love, “não havia mais dúvidas que os impostos interestaduais representavam um grande obstáculo à expansão paulista” (1982, p.272). Eram cobradas taxas sobre todo o café que saía do porto de Santos para outros portos, inclusive para o próprio país. Este obstáculo ficou ainda mais evidenciado a partir do momento que São Paulo começou a apresentar excesso de exportações em relação às importações em relação as demais unidades da federação.

A Constituição de 34, segundo Love, “limitou a 10% *ad valorem* a taxa que os governos estaduais teriam direito de cobrar sobre o que se exportava para os demais estados” (1982, p.272). Os paulistas, através da Constituição, neste caso, conseguiram impor seus interesses e não mais dependeriam da vontade de Getúlio Vargas para abaixar um possível aumento de impostos. Após a passagem do Instituto Nacional do Café para as mãos do governo federal, através da criação do Departamento Nacional do Café, os cafeicultores paulistas perderam, por completo, o poder de negociação sobre os preços do produto e, por isso, o destaque diário na cobertura do jornal aos seus candidatos e partidos eram tão enfáticas. Uma vez que conseguissem

colocar um candidato que defenderia a lavoura para votar na Assembléia Constituinte, quando completa, a Constituição favoreceria os agricultores, como, por exemplo, neste caso citado

O *Correio da Noroeste* insistia na questão de que Bauru era uma cidade na qual o progresso florescia. A idéia de progresso, segundo o jornal, está associada a obras públicas, principalmente ligadas à infra-estrutura da cidade como, por exemplo, a ferrovia, rodovias, pontes e indústria.

Em reportagem do dia dez de fevereiro de 1933, o jornalista elogia o General Waldomiro pela ação de construir uma grande estrada de rodagem através da alta paulista. O jornalista, através da reportagem, faz um apelo ao governo ao afirmar que seria muito importante que fosse construída uma estrada que partisse de Bauru e passasse pelos municípios de Presidente Alves, Pirajuí, Cafelândia, Birigui, Promissão, Penápolis e Araçatuba. Pede também outra rodovia que partisse de Pirajuí e se dirigisse a Porto Ferrão, Tietê, Catanduva e Rio Preto. Afirma que uma terceira rodovia, se construída partindo de Pirajuí rumo Iacanga, Ibitinga e Araraquara alavancariam o progresso na região.

O início das atividades da Companhia Metropolitana em Bauru, uma empresa que administraria o dinheiro público, é também associada à noção de progresso, pois a Companhia, através de financiamento, auxiliaria o bauruense a conseguir obter a casa própria. Entretanto, é possível notar que algumas notícias contradiziam a imagem que o jornal visava passar ao público. Em uma reportagem do dia 23 de março de 1933, um aviso da prefeitura à sociedade informava que havia, há 15 dias, quatro cabras no Depósito Municipal. Afirma que elas foram encontradas vagando pelas ruas, o que fornecia ao proprietário o prazo de 10 dias após primeira publicação do edital para retirá-las.

A partir de 1933 o *Correio da Noroeste* alterou suas características e passou a priorizar aspectos políticos em detrimento dos sociais. Neste mesmo ano, o jornal *O Estado de São Paulo* assumiu posição favorável à Revolução Constitucionalista. Recíproco à opinião do diário paulistano, José Fernandes acreditava que a política centralizadora de Getúlio Vargas significava uma guerra contra os paulistas. Prova disso é o seu alistamento aos batalhões para lutar no front contra as tropas getulistas.

Esse ano também foi marcante em relação ao aspecto político, pois pela primeira vez, o proprietário do jornal e grande defensor da lavoura do interior do estado,

José Fernandes, publicou um editorial em que admitia que o café estava em franca decadência no Estado⁸. Segundo o jornalista, o café entrou em franco declínio e explica que a produção brasileira caiu drasticamente enquanto a produção colombiana bateu recordes nos últimos meses. Ele afirma:

“a política do café, nas circunstância em que hoje ela se desenrola, constitui tanto para a vida do país como para a vida de São Paulo, uma das mais dolorosas tragédias que já viveu, entre nós, aquele que se dedicou à agricultura” (Correio da Noroeste 22/07/1933 p.1).

Seus editoriais antes possuíam sinal de esperança e apoio moral à lavoura do café, mas nesta edição o artigo deixa transparecer a situação lamentável pela qual os cafeicultores de Bauru estavam passando. Afirma que as medidas econômicas que vem sendo tomadas pelo governo cada vez mais iam “depauperando esse organismo, cuja resistência ninguém poria em dúvida há quatro anos”. Por fim, afirma que o governo tinha a obrigação de não deixar o café esmorecer assim como ocorreu com a borracha brasileira.

O fato de José Fernandes falar pela primeira vez de uma maneira pessimista sobre o comércio do café implica no fato de que, a partir deste período, o café deixaria de ser prioridade na pauta diária do veículo. É possível perceber que reportagens sobre a eliminação dos estoques de café, antes cercadas de polêmicas em torno do aumento dos preços e dos impostos, na edição de agosto de 1933, não ganha destaque e aparece apenas na sexta página do jornal e em um espaço pouco favorecido visualmente.⁹

Mudanças ocorreram entre o fim de 1933 e o segundo semestre de 1934 (lacuna existente no acervo do jornal no Museu Histórico de Bauru). O jornal passou a valorizar a discussão política e priorizou o ingresso do país no regime Constitucional. Após inúmeros editoriais pedindo a legalização do governo Vargas, José Fernandes pode, finalmente, escrever o que pensava sobre o que, para ele, era uma conquista do povo brasileiro. Segundo ele, estava enterrado o regime ditatorial e o ciclo das intranquilidades, das agitações e dos sobressaltos. Com um texto marcado pela emoção, o proprietário do *Correio da Noroeste* afirma:

“Marchemos, pois, sob o palio das garantias constitucionais. Caminhemos, pois, sob a garantia de liberdade do pensamento. Evoluamos, pois dentro de regimes de responsabilidade. Numa palavra só: procedamos com respeito e sob o abrigo

⁸ Um Império que se vai *Correio da Noroeste* 22/07/33 p.1

⁹ A eliminação dos estoques de café *Correio da Noroeste* 24/08/33 p.6

da carta constitucional e estaremos levando a nação pelos ramos que suas riquezas e possibilidades permitem, e que só a insanidade poderá negar e só a loucura pretenderá evitar” (José Fernandes, *Correio da Noroeste* 18/07/34 p.1).¹⁰

José Fernandes acreditava que a promulgação de uma Constituição faria diferença no debate político entre imprensa, deputados eleitos e população. Em uma reportagem no dia da posse de Getúlio Vargas, a manchete anuncia que Getúlio Vargas deixaria de ser um ditador, isto é, agora, o presidente possuiria embasamento legal e uma carta que restringiria suas vontades ao regime democrático.¹¹

O surgimento de notícias de novos partidos políticos também gera nova discussão dentro do jornal. O surgimento da Ação Integralista Brasileira e da Aliança Nacional Libertadora, bem como a dissolução do Partido Democrático, da Federação dos Voluntários, a Liga da Defesa Paulista e da Ação Nacional para formar, em 24 de fevereiro de 1934, o Partido Constitucionalista movimenta novos debates em torno da política nacional. Segundo Carone, “é esse senso de reorganização partidária e patriotismo bairrista que mostra a determinação do novo grupo de poder” (Carone, 1982, p.327). As homenagens a heróis e à revolução são a tônica que antecede as eleições estaduais em 14 de outubro de 1934.

As discussões passam a girar em torno dos partidos que pleitam as eleições, marcadas para 1937, ou seja, a Aliança Nacional Libertadora, a Ação Integralista Brasileira, o Partido Constitucionalista e o Partido Republicano Paulista. Todos estes partidos, governo e instituições comunistas foram os três pilares que norteiam o debate político nestes últimos dois anos de análise. O jornal diz que assume uma posição de neutralidade perante essa situação em afirmação de José Fernandes em um editorial de setembro de 1935. Segundo o proprietário do *Correio da Noroeste*, “ninguém pode por em dúvida a imparcialidade com que temos acompanhado os passos da atual administração, ora batendo-lhe palmas, quando acerta, ora criticando-lhe quando erra”¹². É possível perceber que o jornal tenta, democraticamente manter uma postura de imparcialidade quanto aos partidos, porém prega uma caça ao comunismo, notado principalmente durante o levante comunista em Natal.

Nesta ocasião, o jornal afirma que o levante simboliza uma ameaça que deveria ser combatida com rapidez pela população e pelos homens públicos. O primeiro

¹⁰ Sob o abrigo da Carta Constitucional *Correio da Noroeste* 18/07/34 p.1

¹¹ O Sr. Getúlio Vargas deixará hoje de ser um ditador *Correio da Noroeste* 20/07/34 p.1

¹² A poeira da politicagem *Correio da Noroeste* 11/09/35 p.1

parágrafo do editorial de José Fernandes deixa claro a postura do jornal em repelir o comunismo no Brasil:

“o país inteiro colocou-se de guarda contra o extremismo, no momento em que verificou-se que os comunistas não eram tão utópicos entre nós como em geral se acreditava, mas ao contrário, revelaram uma surpreendente capacidade de ação destruidora bem modelada nos moldes clássicos das revoluções do seu gênero”¹³. (José Fernandes, *Correio da Noroeste* 11/12/35 p.1)

No dia seguinte, José Fernandes reafirma seu pensamento em que prega a união de governo e oposição para combater a ameaça comunista no Brasil:

“Os últimos acontecimentos tiveram a virtude de fazer compreender a governistas e oposicionistas a necessidade de se darem as mãos e de se entenderem na adoção de umas tantas medidas sem as quais antes de perecer o regime no cataclisma comunista, teriam eles próprios, a troco da instabilidade de suas cabeças, ingressado no martírio democrático”¹⁴ (José Fernandes, *Correio da Noroeste* 12/12/35 p.1).

Em outro editorial, José Fernandes ironiza o comunismo com a manchete “O Paraíso Comunista”. O artigo cita os problemas do país como o desemprego e a fome e enumera os preços de vários produtos existentes na Rússia, como a carne e o pão. A reportagem visa trazer os problemas da população comum russa para perto do leitor a fim de chocar a população com o sofrimento causado pelo comunismo.¹⁵

Apesar de haver toda uma imagem de neutralidade em relação às atitudes políticas do governo Vargas, o *Correio da Noroeste* deixa transparecer que defende alguns pontos de vista em detrimento de outros. Tal ocorrência justifica-se também pelo período em que surgiu, marcado por profundas transformações no sistema político e, principalmente, por mudanças no seio da elite brasileira que passava de agrária a industrial.

b) Preocupação Local e Regional

O *Correio da Noroeste* demonstrava muita preocupação com o progresso da região e a noção de progresso a qual o jornal fazia alusão era associada diretamente à construção de obras públicas. Pontes, rodovias, ferrovias, hospitais, polícia, bombeiros,

¹³ As brechas que é preciso fechar *Correio da Noroeste* 11/12/35 p.1

¹⁴ Contra os filigranistas *Correio da Noroeste* 12/12/35 p.1

¹⁵ O Paraíso Comunista *Correio da Noroeste* 15/12/35 p.1

prefeitura e inclusive empresas jornalísticas eram vistas como sinônimos de desenvolvimento urbano.

As reportagens que ganhavam destaque e as quais os jornalistas mais opinavam normalmente eram relacionadas a fatos que expunham aos olhos do público algo tangível, que podia ser visto e tocado. Ao escrever sobre a criação de uma faculdade de farmácia que seria criada em Bauru, o repórter afirma que seria “uma construção ampla, de lindas linhas arquitetônicas, que, além do mais, concorrerá para o embelezamento da cidade”.¹⁶ Não somente na cidade de Bauru esse tipo de construção era valorizado, mas também em outras regiões como, por exemplo, na cidade de Avanhandava, localizada a mais de 200 quilômetros de Bauru, mereceu destaque na cobertura quando foi anunciada que uma ponte seria construída sobre o rio Tietê e que segundo o jornalista facilitaria a ligação “entre as zonas da noroeste e a alta araraquarense e que muito interessa ao progresso dessas duas importantes regiões do estado”.¹⁷

O anúncio da criação de um plano rodoviário pelo interventor federal Waldomiro Lima e o texto do repórter ao afirmar que “não é preciso que ninguém nos esclareça o valor da rodovia (...) não é necessário gastar palavras bonitas e eloqüentes para nos ensinar que estrada é elemento de progresso”¹⁸ deixa claro que, para o diário, obras que associavam a imagem da região à de desenvolvimento urbano eram vistas como sinônimo de progresso. Até mesmo a chegada na cidade de Bauru de um estabelecimento bancário atraiu atenção, pois, segundo o jornalista, era o início de realização de um plano gigantesco que viria “concorrer em muito para o nosso progresso, proporcionando, aos menos favorecidos de fortunas a possibilidade de possuírem a casa própria, bem este que todos os chefes de família aspiram”.¹⁹

Cidades como Araçatuba, Birigui, São Manuel, Penápolis, Pederneiras, Garça, Nogueira, Avaí, Pirajuí, Duartina, Presidente Alves, Marília, Lençóis Paulista, Botucatu e Agudos eram constantemente citadas como pólo promissor de progresso e por isso eram as mais comuns no cotidiano no jornal.

As relações entre o *Correio da Noroeste* e estas cidades sempre foram de troca de informações e diariamente um grande número de acontecimentos relacionados a elas era citado. A partir do segundo mês estudado, o *Correio da Noroeste* passou a

¹⁶ Escola de Farmácia *Correio da Noroeste* 12/06/33 p.2

¹⁷ Ponte sobre o Tietê *Correio da Noroeste* 20/05/33 p.2

¹⁸ Plano rodoviário do estado *Correio da Noroeste* 11/06/33 p.1

¹⁹ Companhia Metropolitana *Correio da Noroeste* 19/03/33 p.2

trazer diariamente informações mais detalhadas sobre Lins. Uma sucursal do jornal fora instalada na cidade e enviava todos os dias notícias mais detalhadas. Dentro das reportagens do *Correio de Lins* os tópicos abordados referiam-se a temas cotidianos como, por exemplo, aniversariantes, informações sobre a Prefeitura Municipal, exonerações e contratações em postos de saúde, registro civil e frequentemente anunciava as peças de teatro em cartaz no município.

A partir de fevereiro de 1933 o *Correio da Noroeste* passou a ter em suas páginas um quadro de outra cidade da região. Trata-se do *Correio de Garça*²⁰, que, assim como Lins, trazia informações sobre o cotidiano da cidade. Em março de 1933 foi aberta outra sucursal do diário, desta vez em Penápolis²¹. E em julho deste mesmo ano o jornal anunciou oficialmente que possuía um correspondente em Campo Grande no Mato Grosso²².

Mato Grosso era outra região que, apesar de distante ganhava destaque significativo nas páginas do jornal. A Estação de Ferro alcançava diversas cidades mato-grossenses e, por isso, a criação durante o segundo semestre do *Correio do Mato Grosso*. Assim como no *Correio de Lins*, o quadro trazia informações específicas da sociedade mato-grossense, tais como, vida social, atrações artísticas e informações da prefeitura.

Em agosto de 1935, foi identificado o *Correio da Sorocabana*²³. A partir desse momento, notícias sobre toda essa região, que incluía cidades como Sorocaba, Presidente Prudente, Pirambóia, Santa Cruz do Rio Pardo, Presidente Wenceslau, Salto Grande e Presidente Bernardes também seriam destacados diariamente. Isso reflete o porquê do jornal ter aumentado paulatinamente o número de páginas nas suas edições diárias. No segundo semestre de 1935, o número de edições que continham mais de quatro páginas superou em aproximadamente quatro vezes as edições do primeiro semestre de 1931.

Essa expansão territorial do *Correio da Noroeste* é visivelmente um sinal de crescimento econômica do mesmo e nos permite concluir que as vendas do diário eram altas e permitia o mesmo fazer novos investimentos, a não ser que houvesse uma fonte de renda externa entrando no jornal, a qual o aluno não foi capaz de identificar somente através das leituras bibliográficas e fichamentos. Em uma reportagem do

²⁰ *Correio de Garça Correio da Noroeste* 28/02/33 p.2

²¹ *Correio de Penápolis Correio da Noroeste* 10/03/33 p.3

²² *O Correio da Noroeste e Campo Grande Correio da Noroeste* 18/07/33 p.1

²³ *Correio da Sorocabana Correio da Noroeste* 11/08/35 p.7

Correio de Garça é relatado que o número de assinantes do *Correio da Noroeste* vinha aumentando e que um agente estaria sempre a postos para atender qualquer tipo de reclamação dos seus leitores. É importante ressaltar que o aumento dava-se no número de assinantes e não apenas nas vendas, isto é, o número de leitores fiéis ao jornal é que aumentava.²⁴

Foi possível identificar a preocupação existente em relatar acontecimentos das cidades da região. Com apenas pouco mais de dez mil habitantes no período, o jornal utilizou-se de uma página inteira para apresentar uma tabela com os gastos extraordinários e a renda extraordinária da prefeitura de Avaí.²⁵ Muitas páginas foram publicadas com apenas pequenas notícias sem grande importância e de fatos pequenos, como, por exemplo, despachos do departamento de saúde, o período de férias de um bacharel em juiz de direito e aniversariantes, mas a ocorrência repetida desses fatos denota que o *Correio da Noroeste* levava a sério as questões em outras cidades, mesmo sendo pequenas.

Entretanto, existiam notícias que revelam características importantes da sociedade local e apontavam o caminho do progresso para região. Em uma reportagem de março de 1933, o repórter afirma que a cidade de Araçatuba estava precisando de calçamento de suas avenidas e de melhoramentos no seu sistema de esgoto²⁶. Segundo ele, as reformas eram uma questão importante e que poderia ser solucionada com pouco esforço. A sugestão fornecida pelo jornalista era de que a prefeitura deveria fazer concessão a alguma empresa que desejasse explorar o sistema. Já a questão do calçamento poderia ser resolvida com uma parceria entre prefeitura e proprietários.

Em fevereiro de 1933 uma reportagem fornece um panorama histórico ao leitor e retoma o passado bandeirante da cidade. Afirma que o bandeirante foi o desbravador das terras nas quais Lins existia e, sem nada temer, aportou como um gênio realista no interior do estado. Diz o jornalista que este é o segredo do “progresso deslumbrante desta arde do estado de São Paulo”²⁷. Segundo ele, havia a “descrença de uns e o receio injustificável de outros, mas foi o bandeirante quem lançou a semente para fazer de Lins uma terra agradável”. Questões aparentemente pequenas também ganhavam espaço para discussão no diário. Uma matéria trata de problemas no processo

²⁴ Correio de Garça *Correio da Noroeste* 11/03/33 p.2

²⁵ Prefeitura Municipal de Avaí *Correio da Noroeste* 18/08/33 p.3

²⁶ Araçatuba *Correio da Noroeste* 21/03/33 p.2

²⁷ Correio de Lins *Correio da Noroeste* 16/02/33 p.3

de entrega do leite na cidade²⁸. A matéria comenta que a cidade de Lins, que é exemplo de progresso, não poderia apresentar uma falha deste porte. O leite era entregue em latões e medido na hora da entrega. O repórter diz que este método não era higiênico e que os leiteiros deveriam utilizar vasilhas na hora de entregar o produto aos clientes.

Em outra edição em fevereiro, a reportagem elogia o interventor Waldomiro pela iniciativa de planejar a construção de uma grande estrada de rodagem através da alta paulista. Informa que o município de Pirajuí é o maior município cafeeiro do Estado e possui uma área de 43.843.102 pés e a estrada seria extremamente útil para o escoamento do produto. O repórter faz, inclusive, um apelo ao governo e afirma que seria muito importante que fosse construída também uma estrada que partisse de Bauru e passasse pelos municípios de Presidente Alves, Pirajuí, Cafelândia, Birigui, Promissão, Penápolis e Araçatuba. Pede ainda outra rodovia que partisse de Pirajuí e se dirigisse a Porto Ferrão, Tietê, Catanduva e Rio Preto. Por fim, outra rodovia que partisse de Pirajuí rumo Iacanga, Ibitinga e Araraquara. Afirma que estas três estradas, se construídas, alavancariam o progresso na região. Além das informações, apresenta dados do orçamento que seria utilizado na obra. Estadas que ligariam o estado de São Paulo ao Paraná também mereceu uma cobertura especial. A linha fina da reportagem afirma que seria uma “estrada rasgada no seio da vida econômica dos dois estados sólidos do país”.²⁹

Destaques negativos também foram identificados pelo estudante. O jornal comenta algumas cidades isoladas e que não possuíam conexão ferroviária ou rodoviária com outras regiões. Através das leituras, é possível notar que esses locais eram chamados de sertões remotos pelo jornalista. Tratava-se de regiões carentes de progresso e eram chamadas dessa forma devido à atuação de bandidos. É o caso da cidade de Aguapeí, a qual pedia a vinda de escolta de capturas à Delegacia Regional de Bauru para prender bandidos que agiam na região.³⁰

Não era somente o *Correio da Noroeste* que tentava utilizar a imagem de modernidade e progresso para mostrar ao público as vantagens e pontos positivos da região da alta paulista. Os políticos igualmente tendiam a utilizar em seus discursos indícios de que o progresso era um traço marcante em seu governo. Em uma reportagem telegrafada ao jornal de Botucatu em que surgiam boatos de que o Partido da Lavoura

²⁸ Correio de Lins **Correio da Noroeste** 05/04/33 p.2

²⁹ Uma ligação rodoviária São Paulo – Paraná **Correio da Noroeste** 06/10/35 p.3

³⁰ O Banditismo nos sertões remotos **Correio da Noroeste** 10/05/1934

estaria unindo-se a uma coligação de esquerda, considerada antiética por muitos membros do partido, o presidente da instituição nega a informação e afirma que o partido permaneceria trabalhando visando apenas “a grandeza da pátria e o progresso”.³¹ Em um exemplo mais latente, o jornal apresenta em suas páginas uma biografia do então novo interventor federal de São Paulo, Armando Sales de Oliveira, nomeado em agosto de 1933. O jornal constata seu espírito empreendedor e a capacidade de gerar progresso nas empresas pelas quais passou. A linha fina da reportagem afirma que o interventor possuía “relevantes qualidades de animador do progresso de S. Paulo”.³²

Essa visão de progresso nas cidades era compartilhada por jornalistas de outras cidades. Existiam jornais chamado *O Progresso* em Lins e em Brotas.³³

O *Correio da Noroeste* Como Prestador de Serviço Social

O *Correio da Noroeste* era um jornal que comentava a sociedade bauruense, isto é, suas festas, eventos, personalidades locais e também discutia os problemas da cidade, como a pobreza, a hanseníase, o lixo, o esgoto, problemas na área as saúde. etc. É possível detectar que, em muitas reportagens, essas questões se cruzam como é possível perceber nos tópicos a seguir:

a) Coluna Social

As páginas do *Correio da Noroeste* dedicavam diariamente uma coluna para divulgar acontecimentos da sociedade bauruense e da região. Chamava-se *Correio Social* e trazia informações sobre bailes, festas, homenagens, passagens de forasteiros pela cidade, noivados, casamentos, aniversariantes, nascimentos e óbitos. Através dessa coluna é possível notar, como afirma Ferreira e Mahl (2008), como os jornais das primeiras décadas do século XX, consolidavam-se como representantes do grupo social ao qual pertenciam. Isto é, através das páginas de coluna social, o *Correio da Noroeste* comentava sua própria existência, através de divulgações sobre casamentos de comerciantes que pertenciam à Associação Comercial, homenagens a diretores da E.F.

³¹ O partido da Lavoura e o cartel das esquerdas *Correio da Noroeste* 20/06/33 p.1

³² A personalidade do novo interventor paulista *Correio da Noroeste* 18/08/33 p.1

³³ Repercussão do *Correio da Noroeste* *Correio da Noroeste* 27/07/33 p.1

Noroeste do Brasil, bailes de membros da NOB e casamentos entre integrantes da burguesia bauruense.

Assim como em São Paulo, onde o crescimento populacional fazia aumentar as publicações em torno da burguesia paulistana, seus pontos de encontro, moda feminina e dinamismo cultural, em Bauru, o número de habitantes cresceu em demasia entre a década de 20 e 30 e relaciona-se diretamente a esse processo de expansão da economia e da burguesia.

O cinema e o teatro também possuíam diariamente um espaço próprio. Como um símbolo de efervescência cultural, uma vez que demonstram as atividades na cidade, isso denota que seus habitantes são um povo culto e letrado. O *Cine-Correio* também era um quadro fixo e trazia as peças e filmes em cartaz no Teatro São Paulo e no Cine - Brasil.

b) Saúde

Na área da saúde o jornal preocupava-se em divulgar o que os governos municipal, estadual e federal estavam propondo à sociedade que resultasse em melhorias. No âmbito federal as reportagens publicadas baseavam-se em questões que abordavam a questão dos impostos que incidiam sobre os hospitais. Uma matéria afirma que a idéia do governo federal em impor taxas sobre selos dos correios para destinar a verba à educação e à saúde fracassou. Afirma que o valor recolhido é muito baixo e não é capaz de suprir necessidades hospitalares mínimas.³⁴ Outras propostas que pediam o fim das cobranças de impostos a médicos e hospitais também eram debatidas e, segundo a reportagem, chegaram inclusive a ganhar espaço para debate nacional.³⁵

A maior preocupação do jornal, entretanto, era o bem estar com a saúde da população regional e local. Diariamente pequenas notas chamadas Delegacias de Saúde³⁶ divulgavam notícias relacionadas à parte burocrática do serviço público de saúde, tais como exonerações em hospitais, contratações de médicos e gastos públicos mensais.

A divulgação de reportagens que visavam alertar a população sobre algumas doenças que, na época, eram mais graves e esporadicamente apresentavam

³⁴ Uma idéia que falhou **Correio da Noroeste** 21/07/33 p.1

³⁵ Medicina e Assistência social **Correio da Noroeste** 28/07/35 p.4

³⁶ Delegacias de Saúde **Correio da Noroeste** 15/08/31 p.2

surto na cidade ganhavam destaque na cobertura. Um médico escrevia reportagens alertando a população sobre medidas de profilaxia e sobre os sintomas. Ele escrevia periodicamente nas colunas do jornal e em uma reportagem dedicou-se a esclarecer como estavam as obras de um asilo que, já há algumas edições, não era comentada. Todo o restante da página foi destinado a esclarecer como ocorre uma doença grave em crianças pequenas, no caso, a sífilis. O médico chamava-se Dr. Alencar de Carvalho e nesta matéria, aborda a sífilis como um mal que pode atingir crianças ainda na idade de berço. Primeiramente, ele descreve como a doença chegou ao Brasil (junto com os espanhóis na idade média), cita o ano em que foram encontrados os agentes causadores da doença e informa que o tratamento deve ser feito ainda na infância, quando as chances de cura são maiores. Afirma que o melhor período para a prevenção é durante os três primeiros anos de vida da criança, isto é, antes que suas principais funções possam ser prejudicadas. Segundo o médico, isso auxiliava a dentição, o crescimento e principalmente o aumento de peso.³⁷

Em outro momento, o conhecimento de alguns casos de varíola na cidade fez com que o jornal publicasse que a delegacia de saúde estava recomendando à população que se vacinasse contra a doença. É divulgado o horário que a delegacia de saúde permanecia aberta para o serviço e medidas de higiene para controlar a doença.³⁸

Em suas páginas aparece também diversas medidas e incentivo de uma campanha contra a raiva. A reportagem informa que a raiva é uma doença que, se contraída, é fatal. Publica uma tabela com todos os casos de raiva que ocorreram em Bauru desde 1930 até o ano da reportagem (1934) dividida mês a mês e informa sobre as precauções necessárias a se ter quando se deparar com um cão que possui a doença.³⁹

A construção de instalações de saúde em Bauru e região também era vista como algo importante. Uma reportagem relata a construção de um sanatório para tuberculosos em São José dos Campos e descreve a caravana que foi para a cidade observar as obras. Esta reportagem deixa clara a preocupação que o *Correio da Noroeste* tinha com a saúde. Apesar de não apresentar, em suas páginas, notícias relatando casos de tuberculose em Bauru, o jornal demonstra cuidado e interesse ao informar à população que a Administração Municipal de Saúde se dirigiu até São José dos Campos para verificar o andamento das obras e reformas do sanatório.⁴⁰

³⁷ Asilo colônia Aimorés *Correio da Noroeste* 29/03/33 p.4

³⁸ Tem surgido casos de varíola *Correio da Noroeste* 26/08/33 p.1

³⁹ Campanha contra a raiva *Correio da Noroeste* 04/08/34 p.4

⁴⁰ Tuberculose *Correio da Noroeste* 26/01/33 p.1

Já a construção de novas instalações médicas em Bauru ganhou destaque mais minucioso. Desde a reunião entre médicos na cidade para tratar do assunto da construção de um centro de saúde na cidade⁴¹ até a constatação de que as obras teriam início⁴² foram publicadas diversas reportagens que abordavam a pauta com palavras otimismo.

A inspeção feita por diretores da secretaria de saúde do estado, quando ocorriam, também era divulgadas pelo jornal. É interessante perceber que em todas as visitas a impressão que os diretores tem pelos hospitais e pela infra-estrutura de Bauru são sempre positivas. Em uma visita do diretor de serviços sanitários da cidade à delegacia de saúde. A reportagem afirma que o mesmo declarou ter tido uma “ótima impressão com a boa ordem e eficiência dos serviços”.⁴³ O Asilo Colônia-Aimorés também sempre que visitado agradava aos diretores pela qualidade de serviço prestado.⁴⁴

Apesar de não fazer parte da característica do jornal, fornecer a palavra ao leitor, em um caso envolvendo um problema de saúde isso pode ser constatado. Um leitor enviou uma carta ao jornal, e a viu publicada em uma de suas edições. A carta pertence a um paciente que reclama do atendimento recebido com má educação por um funcionário de uma delegacia de saúde.⁴⁵

Entretanto, o *Correio da Noroeste* priorizava reportagens que relatavam o Asilo Colonia Aimorés e a Liga de São Lázaro. Essas duas instituições foram construídas com dinheiro público de vários municípios da região, entretanto, por ter mais habitantes e mais possibilidades de arrecadar verbas, o município de Bauru, segundo o jornal, foi o que mais dinheiro investiu na construção desses estabelecimentos. Surge a discussão de que por ter feito maior investimentos, a cidade de Bauru merecia ter prioridade no tratamento de seus doentes e maior espaço no hospital destinado ao povo da cidade, entretanto, não era isso o que vinha ocorrendo.

Para o jornal essa era uma questão tão problemática que o próprio *Correio da Noroeste*, em uma reportagem relata que, após visita do diretor do serviço sanitário do estado, fez um apelo para que fossem resolvidas as questões sobre o atendimento prioritário aos doentes de Bauru. Segundo a nota, o diretor mostrou-se

⁴¹ Um centro de saúde em Bauru **Correio da Noroeste** 11/07/31 p.4

⁴² Centro de saúde em Bauru **Correio da Noroeste** 30/08/31 p.2

⁴³ Delegacias de saúde de Bauru **Correio da Noroeste** 02/07/33 p.1

⁴⁴ Colônia Aimorés **Correio da Noroeste** 08/07/34 p.3

⁴⁵ Locais **Correio da Noroeste** 29/07/31 p.2

disposto a resolver a questão e pediu, ainda, que o jornal fizesse uma campanha para arrecadar mais fundos da sociedade bauruense para assistir socialmente ao Asilo Colônia Aimorés. Questão prontamente atendida pelo diário.⁴⁶

É possível perceber uma contradição neste debate. Aproximadamente um mês após ser publicada esta matéria de apelo para remoção dos enfermos, o jornal destacou a importância dos estabelecimentos hospitalares de Bauru para as cidades da região, uma vez que a cidade encontrava-se numa posição geograficamente central em relação a muitas outras⁴⁷. Entretanto, uma semana após esta notícia, que assume a importância do hospital para a população da região ser publicada, o jornal comenta como foi a remoção dos doentes forasteiros para hospitais da região, a fim de que fossem abertas vagas para doentes bauruenses. O transporte dos pacientes, segundo a matéria, ocorreu durante todo o dia e afirma que os doentes provenientes de outros municípios estavam proibidos de esmolar pela cidade. Informa que as pessoas deviam recusar-lhes dinheiro e avisar as autoridades.⁴⁸ Neste caso, o jornal pôde demonstrar a influência que possuía em relação a alguns órgãos da região e sua prioridade em defender, primeiramente os interesses dos habitantes de Bauru.

Outro caso que diz respeito à facilidade de atendimento de enfermos na região aparece em uma reportagem do Correio da Alta Paulista. Seria enviada uma representação ao governo do Estado para que uma parte de terra que pertence ao município de Assis fosse incorporado à comarca de Marília. Afirma que isso ajudaria seus habitantes a obter facilidades na área da saúde pois a distância a ser percorrida seria menor.⁴⁹

Podemos associar todas essas preocupações com a questão do progresso. Para o veículo, uma cidade limpa, com tratamento e hospitais adequados simbolizava uma cidade evoluída. Além disso, as redes de esgoto e de encanamento estão diretamente relacionadas à problemática da cidade. Como afirma Rolnick, podemos “ler” a cidade de acordo com sua arquitetura e chegar a conclusões que dizem a respeito de sua cultura e população (Rolnick, 1999). Desta forma, uma cidade em que a paisagem não é afetada negativamente pelo lixo, sujeira e até mesmo com o aspecto físico da população que nela vive, é automaticamente vista como um local bom para se viver e buscar o progresso.

⁴⁶ O auxílio da Liga de São Lázaro ao Asilo-Colônia Aimorés **Correio da Noroeste** 04/07/33 p.1

⁴⁷ Delegacias de saúde de Bauru **Correio da Noroeste** 06/08/33 p.6

⁴⁸ A remoção dos doentes de Bauru **Correio da Noroeste** 13/08/33 p.1

⁴⁹ Correio da alta paulista **Correio da Noroeste** 06/07/33 p. 4

c) Esporte

O esporte sempre foi ao ver do fundador do jornal - o jornalista José Fernandes – um meio de útil ao desenvolvimento humano. Acreditava que a atividade física era capaz de desviar a juventude de cometer atos nocivos à saúde (Pelegrina; Serra, 1987). É possível, inclusive, comparar José Fernandes com Mário Rodrigues, da década de 50, em quesito de atitude e criatividade. Segundo Castro (1992), Mário inventava competições em períodos em que não havia competições, inventou torneios com credibilidade e o mais importante, bancava tudo com recursos próprios. Retornando à realidade de Bauru da década de 30, o *Correio da Noroeste* criou a Volta de Bauru, uma espécie de maratona da cidade e organizava e patrocinava corridas de bicicletas para adultos e jovens, idealizou e patrocinou a “Festa do Algodão”, que foi a primeira do gênero em todo o país. A festa foi capaz divulgar o nome da cidade por todos os Estados, pois foi comentada pela imprensa do Brasil inteiro, conforme afirmam Pelegrina e Serra.

O esporte tinha espaço diário na cobertura do *Correio da Noroeste*, entretanto as questões levantadas pelo Correio Esportivo eram leves, cotidianas e não eram carregadas de cobranças, mas apenas fatos que visavam o lazer e o entretenimento na leitura. O futebol era, sem dúvida, a prioridade esportiva do jornal, mas eventos como campeonatos de pingue-pongue, boxe, atletismo, patinação e tênis também apareciam na cobertura.

É possível perceber ao longo do tempo que o *Correio da Noroeste* não priorizava as notícias extra-campo nos esportes. O jornal se caracteriza por transmitir aos leitores informações sobre equipes, jogadores, qualidade das contratações feitas pelos clubes e os resultados e atuações dos atletas dentro de campo. O futebol era o destaque e a organização de novos campeonatos era claramente incentivada pelo periódico. Apesar disso, as reuniões entre as Juntas Deliberativas e as Federações envolvidas na organização dos campeonatos ganhavam certo destaque na cobertura esportiva quando novos campeonatos estavam sendo pautados.⁵⁰

O *Correio da Noroeste* frequentemente organizava torneios e campeonatos para levantar fundos e auxiliar instituições carentes, principalmente a Liga

⁵⁰ Correio esportivo *Correio da Noroeste* 28/01/33 p.2

de São Lázaro, que cuidava dos leprosos da região. Dessa forma percebe-se como um evento que prioritariamente seria apenas esportivo toma conotação de ajuda social.⁵¹ Reportagens sobre as instituições esportivas e sua importância para o engrandecimento esportivo da cidade também apareciam com frequência. Cita diversas associações consideradas úteis ao esporte como o Bauru Tênis Clube, Clube de Xadrez e o Clube da Luzitana.⁵²

Homenagens a dirigentes⁵³ também ganhavam uma cobertura privilegiada na página de esportes. É possível estabelecer uma relação da página de esportes com a de coluna social. Através dos esportes, quem fazia parte de instituições consideradas importantes ganhavam destaque e repercussão dentro do jornal.

Outra observação que vale a ser ressaltada quanto aos esportes, principalmente em relação às equipes de futebol, é o destaque que o jornal dá às viagens e excursões dos atletas. O Correio Esportivo sempre relata quais equipes e quais os membros de outras agremiações viriam visitar Bauru para algum jogo e vice-versa. Isso indica a preocupação também no esporte de estabelecer relações de cordialidade com as cidades vizinhas.⁵⁴

A relação do esporte com saúde também foi abordada pelo jornal nesse período. Como exemplo, é possível perceber que o jornal aos poucos passa a encarar a patinação não apenas como diversão, mas também um esporte, segundo o jornalista “os movimentos proporcionam ao corpo muito movimento e é um ótimo exercício que todos deveriam praticar”.⁵⁵

A questão do progresso também é relacionada ao esporte no diário. Segundo o Correio Esportivo, “pelo seu progresso, pelo seu desenvolvimento (,,) Bauru é uma cidade destinada a um grandioso futuro no esporte”.⁵⁶ Afirma também que a cidade de Bauru possibilita à população a prática do esporte e, por isso, existem tantas instituições esportivas e agremiações esportivas.

d) Educação

⁵¹ Correio esportivo **Correio da Noroeste** 06/08/31 p.3

⁵² Correio esportivo **Correio da Noroeste** 08/07/31 p.3

⁵³ Correio esportivo **Correio da Noroeste** 12/02/35 p.5

⁵⁴ Correio esportivo **Correio da Noroeste** 02/02/33 p.4

⁵⁵ Correio esportivo **Correio da Noroeste** 15/03/33 p.4

⁵⁶ Correio esportivo **Correio da Noroeste** 08/08/31 p.3

Notícias sobre escolas apareciam constantemente nas páginas do *Correio da Noroeste*. Muitas instituições de ensino da época, principalmente o Ginásio Guedes de Azevedo anunciavam no jornal e publicava colunas anunciando suas provas, matrículas e exames de admissão.⁵⁷ O diário preocupava em enfatizar os serviços e diferenciais das instituições para serem as escolhidas na hora da matrícula dos estudantes. Além dos anúncios, existe também um quadro fixo chamado “Estabelecimentos de Ensino” em que aparecem notas sobre festividades e celebrações, além de ser publicado nomes de professores despedidos, editais de concurso de funcionários e até mesmo lista de alunos que ficaram de exame para as férias.

O jornal também apresentava textos a favor da alfabetização. A idéia de educação em uma cidade que visava uma posição de liderança regional, como Bauru, na qual as bases sociais e urbanas ainda estavam sendo lançadas e se formando, vem aliada ao ideal de progresso, tão desejado pelos representantes do periódico.⁵⁸

As discussões propostas eram fundamentalmente sobre escolas primárias. A construção de novas escolas, reformas, contratação e valorização dos professores eram os assuntos mais abordados, deixando discussões mais profundas sobre a educação no país em plano secundário. Diversas eventos eram promovidos pelo diário para arrecadar recursos para escolas.

Eventualmente, críticas a atitudes tomadas pelo governo em relação à pasta da educação eram reportadas. Uma delas, escrita por um inspetor escolar de Bauru, apresenta uma série de críticas ao governo. Afirma que é necessário transformar a escola em algo mais tradicional e que os problemas de superlotação, material escolar velho, instalações rudimentares, reduzido número de escolas e falta de preparo dos pais e professores ao lidar com educação fatalmente traria problemas para a sociedade a longo prazo Segundo o inspetor era preciso substituir os velhos métodos de ensino por técnicas mais modernas.⁵⁹

O ano de 1931 também apresentou muitas críticas ao governo, pois, após a revolução de 30 foi criada pela primeira vez no Brasil o ministério da educação. Entretanto, segundo Carone (1980), o ministério foi consequência de uma necessidade política e foi criado para criar cargos a representantes de partidos políticos que ficaram sem ministério. Dessa forma, era frequente a substituição de ministros na pasta da

⁵⁷ Exames Guedes de Azevedo *Correio da Noroeste* 28/11/34 p.4

⁵⁸ Delegacias de Ensino *Correio da Noroeste* 08/03/34 p.2

⁵⁹ Programas de ensino *Correio da Noroeste* 27/05/33 p.1

educação durante esse ano o que, segundo o jornal, prejudicava a criação de um planejamento a longo prazo.

O *Correio da Noroeste* chega, inclusive, a estabelecer uma ligação entre a educação e o dever cívico do voto durante as eleições constituintes em 1933. O alto número de pessoas que se alistaram para votar em Lins é justificada através da cultura do povo que habita a cidade e cita que já são muitos os estabelecimentos de ensino secundários instalados. Afirma que, desta forma, não era de se surpreender que o alistamento eleitoral nessa cidade fosse alto.⁶⁰

Acompanhamento de trabalhos de crianças nos grupos escolares ocasionalmente mereciam cobertura. Foi divulgado em suas páginas diversos trabalhos de arte de alunos da Escola Normal de Bauru seguido pela descrição de festas organizada por professores e diretores⁶¹, bem como festas de bacharéis deste mesmo ano.⁶²

e) O *Correio da Noroeste* e a Imprensa

Como era um veículo de comunicação o *Correio da Noroeste* tendia a publicar diversas notícias relacionadas à imprensa, seja regional ou até mesmo das grandes cidades. As constantes intervenções do governo federal na imprensa e a censura regida pelo governo Vargas era alvo de protestos dos jornalistas e notícias relacionadas ao tema freqüentemente alcançavam a primeira página e os editoriais de José Fernandes.

A preocupação em defender a classe dos jornalistas bem como a publicação de reportagens que informavam o público sobre a situação da classe e como a mesma lidava com a censura e com o governo fazia parte da cobertura e publicação do jornal. Por exemplo, era possível perceber o interesse do *Correio da Noroeste* em tentar criar de leis que auxiliassem a locomoção e facilitassem a vida dos jornalistas. Uma publicação afirma que a Associação Brasileira de Imprensa vinha se esforçando para conseguir que fossem restabelecidas antigas leis que concediam abatimentos aos jornalistas em passagens de vapores.⁶³ O mesmo ocorreu quanto o apelo para o abatimento no valor de passagens de trens.⁶⁴

⁶⁰ Correio de Lins *Correio da Noroeste* 15/02/33 p.2

⁶¹ Trabalho de Arte *Correio da Noroeste* 13/12/34 p.1

⁶² Festas de bacharéis *Correio da Noroeste* 06/12/34 p.4

⁶³ Reduções de Passagens para Jornalistas *Correio da Noroeste* 12/08/31 p.1

⁶⁴ Congresso de Imprensa *Correio da Noroeste* 20/04/31 p.4

Outro tipo de notícia que visava aproximar o público leitor à classe jornalística era sobre informações a respeito da quantidade de trabalhadores que existiam no país. Segundo a reportagem, existiam no Brasil 52.278 trabalhadores de imprensa e 2.959 publicações periódicas.⁶⁵ A valorização do profissional ocorreu também durante o mês de setembro, mês em que existe o dia da imprensa. No dia 10 deste mês, no ano de 1931 ocorreu na cidade de Bauru, uma exposição que visava comemorar essa data. A partir do dia primeiro, o jornal passou a publicar diariamente que, no dia 10, data do aniversário da imprensa, seria exposta, nas vitrines da Companhia de Força de Luz da cidade, uma mostra de jornais que circularam na cidade de Bauru. Nesta lista encontram-se mais de 50 jornais que fizeram parte da história da imprensa da cidade e o *Correio da Noroeste* pedia a todos que possuísem algum exemplar mais antigo que levasse o jornal à redação para que fosse encaminhada à mostra.⁶⁶

A exposição ganhou intenso destaque e no dia 10 a manchete principal foi: *No dia da imprensa, saudamos todos quantos nas lides da pena, batalharam pelo progresso de Bauru e prestamos a homenagem da nossa saudade aos que tombaram na jornada.*⁶⁷ A manchete e a reportagem foram capazes de resumir o pensamento do jornal, isto é, de afirmar que a imprensa simbolizava uma “máquina de civilização e progresso”.

A idéia de progresso associada à existência da imprensa na cidade também é presente nas páginas do *Correio da Noroeste*. Em uma reportagem opinativa sobre a cidade de Penápolis, o repórter afirma que, em quesito de progresso, a cidade possui tudo que é preciso e, como exemplo, utiliza-se das empresas jornalísticas existentes. Ele afirma: “de jornais, por exemplo, nos temos o *Penapolense* sempre bem redigido, a *Justiça*, sempre criteriosa e o *Jasmim*, leve perfumado”.⁶⁸ Ao elencar empresas jornalísticas ao lado de hospitais, escolas e instituições públicas para classificar o progresso de uma cidade, o jornal deixa claro que valoriza a profissão, a empresa jornalística e mais do que isso, ele mostra que uma sociedade que possui um jornal é um local em que as pessoas, além de alfabetizadas, demonstram interesse pelo que ocorre no cotidiano político e social local.

⁶⁵ O Desenvolvimento da Imprensa no Brasil *Correio da Noroeste* 22/07/31 p.1

⁶⁶ O Dia da Imprensa *Correio da Noroeste* 01/09/1931 p.1

⁶⁷ *Correio da Noroeste* 10/09/31 p.1

⁶⁸ Correio de Penápolis *Correio da Noroeste* 28/04/31 p.3

É possível também notar a presença de reportagens que anunciam a criação de novas empresas jornalísticas em Bauru e em diversas cidades do interior. Em 1931, surgiu a *Tribuna Operária* e seu aparecimento mereceu destaque na cobertura do jornal e foi bastante elogiado. O repórter afirma que o jornal surgia em prol dos ideais associativos e que seria um jornal bem norteado e que poderia “prestar à coletividade um serviço de maior relevo (...) trilha bom caminho, que é o da utilidade em geral”⁶⁹. Isso denota a boa imagem que o jornal possuía quanto às instituições jornalísticas, julgando o aparecimento de um novo periódico um fato positivo e não como um concorrente disposto a roubar seu público leitor.

Há também informações sobre aparecimento de jornais em Três Lagoas⁷⁰, no Mato Grosso, Presidente Alves, Marília⁷¹ e em Bauru, destaque para a criação da revista *Ouro Verde*⁷², revista semanal que segundo o repórter retornaria a existir e *O Fona l*⁷³, jornal semanário bauruense.

Durante a edição comemorativa do aniversário da cidade, em 1933, o ex-jornalista e advogado João Maringoni escreveu uma grande reportagem sobre os 30 anos da imprensa em Bauru⁷⁴. Maringoni foi um dos fundadores do diário bauruense *Diário da Noroeste* que existiu entre 1925 até 1930 e no período em que escreveu o artigo trabalhava como subchefe de contabilidade da E. F. Noroeste do Brasil. Sua reportagem traça uma linha do tempo dos veículos de comunicação mais importante que existiram na cidade, desde 1904 até 1933. Relata as dificuldades enfrentadas pelos jornalistas pioneiros e fornece ao leitor um panorama da imprensa de sua época afirmando que o *Diário da Noroeste* conquistou uma posição de destaque “através de uma ardorosa e vibrante propaganda, muito fizeram pelo renome da cidade que seriam.” Afirmar também que o *Correio da Noroeste* era um jornal que fazia a alegria dos estudantes e que Bauru podia se orgulhar da sua imprensa.

O assunto de maior impacto que ocupou as folhas do diário, entretanto, foi a questão da censura. Após a revolução de 30, o governo Vargas se viu no poder em um momento no qual, segundo Garcia, as

“concepções nacionalistas e autoritárias foram difundidas com maior intensidade. Nesse momento, assinala a presença de setores radicais do

⁶⁹ Pela imprensa *Correio da Noroeste* 21/07/31 p.2

⁷⁰ Pela Imprensa *Correio da Noroeste* 10/01/33 p.4

⁷¹ Pela Imprensa *Correio da Noroeste* 15/06/33 p.4

⁷² Pela Imprensa *Correio da Noroeste* 23/04/33 p.4

⁷³ Pela Imprensa *Correio da Noroeste* 14/06/33 p.1

⁷⁴ Os Jornais de Bauru *Correio da Noroeste* 06/08/33 p.7

movimento tenentista. Suas propostas são adotar uma postura nacionalista de legítima defesa contra o imperialismo” (1982, p.55),

isto é, de um Estado forte e intervencionista.

Segundo Garcia, esse momento que antecede o Estado Novo caracteriza-se pela divulgação de idéias que contrariavam o caráter liberal das oligarquias. Políticos, intelectuais e militares, inspirados em novas ideologias européias, como o fascismo, e meditando sobre a nova realidade brasileira, pregavam a centralização do poder (1982). Ele afirma que “o sistema de comunicação persuasiva e de controle ideológico estruturado desde a revolução de 30, permitia manter sob controle classes subalternas (...) que conduzisse a luta pela realização de seus próprios interesses” (1982, p.116). Segundo o autor, “os jornais eram utilizados para reprodução dos discursos, difusão de notícias, notas oficiais, descrição e enaltecimento de inaugurações, realizações e comemorações” (1982, p. 105).

Desta forma, o jornal como instrumento que necessita da verdade para publicação de fatos sempre publicou reportagens contra a censura. Em 1931, uma notícia reportava que o governo iria expedir instruções no sentido de evitar que fossem publicadas notícias alarmantes ou tendenciosas pelos jornais. Segundo o repórter a notícia foi mal recebida nos meios da imprensa, pois “amputava o direito da imprensa em apurar a verdade dos fatos”.⁷⁵

Publicações sobre tentativas de reverter essa situação também foram identificadas, como por exemplo, no relato de que o presidente da Associação Paulista de Imprensa viajara ao Rio de Janeiro para “trabalhar no sentido de abolir a atenuada censura que, contra os jornais, está sendo exercida em São Paulo (...)”.⁷⁶ em outra reportagem, o jornalista afirma que, também no Rio de Janeiro, em 1931, foi realizada uma reunião entre diretores de jornais cariocas no gabinete de um Distrito Federal da polícia para discutir medidas que visassem à extinção da censura.⁷⁷

Os editoriais de José Fernandes, proprietário do *Correio da Noroeste* também se colocavam veementemente contra a censura. Aproveitando o momento de votação para a Constituinte, o jornalista afirma que é indispensável retirar a censura sobre a imprensa, pois isso afetava a credibilidade na apuração de votos. Comenta também que os debates em período de eleições eram essenciais para ajudar o cidadão na sua escolha e para disseminar propostas e soluções para os problemas da sociedade.

⁷⁵ A censura na imprensa paulista *Correio da Noroeste* 15/07/31 p.1

⁷⁶ Contra a censura de imprensa em São Paulo *Correio da Noroeste*

⁷⁷ A censura à imprensa carioca *Correio da Noroeste* 08/08/31 p.1

Para isso, uma imprensa livre era necessária. Segundo José Fernandes os jornais deveriam ter “liberdade para abordar tudo que se relacione com a constituição que se tem em vista. (...) Medidas no sentido de permitir a livre manifestação do pensamento, num período dessa importância, devem ser tomadas pelo governo”.⁷⁸ Em outro editorial, José Fernandes afirma que a instituição jornalística “tem responsabilidades definidas perante a opinião pública. (...) Jornal que se afasta da verdade é jornal desmoralizado, e morto.”⁷⁹

Outras abordagens interessantes sobre a imprensa da época devem ser relatadas. Em uma reportagem, o jornal afirma que o *Correio da Noroeste* foi o primeiro jornal a anunciar o nome do novo prefeito da cidade de São Paulo, em maio de 1933.⁸⁰ Além da tentativa de furo, o jornal deixa transparecer que considerava, igualmente importante, a agilidade na divulgação da notícia. Isso, ocasionalmente, demonstrava as dificuldades de comunicação e agilidade da imprensa na época. Uma reportagem afirmava que o jornal *O Globo*, através de um telegrama à sua sucursal em São Paulo, logo após anunciar integrantes da chapa de candidatos do Partido Liberal Paulista para as eleições constituintes, desmentiu a informação através de outro telegrama.⁸¹

A aquisição de novas máquinas pelo jornal também mereceu destaque na cobertura, participação de leitores e publicação de cartas de jornalistas parabenizando a empresa pelas novas aquisições. Seguidas reportagens que mostravam o orgulho do jornal em possuir máquinas mais modernas (que também servem para justificar seu crescimento econômico e territorial no interior do Estado de São Paulo e o crescente número de páginas e conteúdo nas suas edições) e ascensão de status jornalístico.⁸²

Entretanto, sob esse aspecto, é possível perceber que o *Correio da Noroeste*, por ser um jornal do interior paulista, não possuía os recursos financeiros iguais aos da imprensa da capital para dispor de repórteres em quantidade necessária para cobrir todos os fatos nacionais importantes. Em uma notícia que especulava sobre uma possível substituição na interventoria federal de São Paulo, é curioso observar que o próprio jornal afirma que não tem como buscar fontes fiéis sobre o caso. Desta forma,

⁷⁸ O mal a ser evitado *Correio da Noroeste* 31/01/33 p.1

⁷⁹ A forja dos boatos *Correio da Noroeste* 20/01/33 p.1

⁸⁰ Furos *Correio da Noroeste* 23/05/33 p.1

⁸¹ O Globo *Correio da Noroeste* 11/03/33 p.1

⁸² As Novas máquinas do *Correio da Noroeste* 02/08/35 p.1

assume uma postura de inferioridade aos jornais da capital, através da declaração “vamo-nos limitando a registrar o que aparece”.⁸³

O proprietário do jornal, José Fernandes afirma em um de seus editoriais⁸⁴ que haveria um congresso de imprensa em São Paulo, o qual compareceria jornalistas da capital e do interior. Diz que a classe jornalista é desunida e que para fiscalizar o congresso era preciso uma imprensa coesa e ciente dos seus deveres. José Fernandes reflete assim, a maneira pela qual o jornal enxerga o seu papel perante a sociedade. No caso, algo semelhante ao que Traquina expõe em suas teorias de jornalismo, isto é, o jornal como um cão de guarda da sociedade.

f) A Estrada de Ferro Noroeste do Brasil

Como já foi citado anteriormente, a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil teve importância decisiva para a criação e desenvolvimento da cidade de Bauru. O *Correio da Noroeste* dedicava inúmeras reportagens à companhia, seus diretores, trabalhadores e questões político-financeiras.

Dentre as matérias que merecem destaque, pois compunham o jornal diariamente encontram-se matérias que falavam sobre acidentes entre trens⁸⁵, roubos de carga na ferrovia⁸⁶, caixa de pensões dos funcionários⁸⁷, depósitos esquecidos em armários dentro das estações⁸⁸, demissão e contratação de funcionários⁸⁹, convocação para reuniões⁹⁰, homenagens a diretores e empregados considerados exemplares pelo diário⁹¹, estado de saúde do operariado⁹² e sobre devoluções de cargas⁹³.

Entretanto, a questão nevrálgica a qual o jornal defende em suas páginas é a tentativa de arrendamento desta companhia à Estrada de Ferro Sorocabana, controlada pelo governo federal por certas alas do governo. A questão tem início logo em 1931 e aparece em uma reportagem em que o interventor federal do Mato Grosso

⁸³ Ainda está no cartaz político o chamado caso paulista **Correio da Noroeste** 04/07/33 p.1

⁸⁴ O Quarto Poder **Correio da Noroeste** 02/04/33 p.5

⁸⁵ Choque de trens na EF Noroeste **Correio da Noroeste** 12/08/33 p.4

⁸⁶ Fugiu com quatro contos **Correio da Noroeste** 27/06/31 p.1

⁸⁷ Caixas de pensões da Noroeste **Correio da Noroeste** 03/01/33 p.1

⁸⁸ Depósitos na EF Noroeste **Correio da Noroeste** 28/08/34 p.1

⁸⁹ Exoneração na EF Noroeste **Correio da Noroeste** 02/10/34 p.2

⁹⁰ Convocação **Correio da Noroeste** 17/07/31 p.4

⁹¹ Homenagem ao diretor da EF Noroeste **Correio da Noroeste** 06/07/33 p.1

⁹² Foi operado ontem diretor da EF Noroeste **Correio da Noroeste** 11/08/35 p.1

⁹³ Estrada de Ferro Noroeste do Brasil **Correio da Noroeste** 20/11/34 p.5

afirma ser a favor do arrendamento como uma forma de beneficiar o estado através de um número maior de passageiros e carga⁹⁴.

Segundo Neves, “a Noroeste surgiu para servir, principalmente, ao Estado do Mato Grosso, que continuava naquela época semi-isolado do resto do país e Bauru foi o ponto preferido para a estação zero” (Neves, p.37). Reportagens assinalavam a possibilidade da E.F. Noroeste e a Lloyd Brasileira se unirem para abrangerem, juntas, o estado do Mato Grosso. Claramente o interesse comercial e econômico em relação ao estado era visado durante essa negociação, que acabou não acontecendo.⁹⁵

A partir desse momento, até o fim do ano de 1933 iria ganhar volume no jornal uma grande discussão em torno das vantagens e desvantagens que um possível arrendamento da companhia traria à cidade de Bauru e à região conhecida popularmente como noroeste. Outra reportagem em setembro de 1931, que contava com depoimentos de políticos, igualmente afirmava que seria vantajoso para a região o controle federal sobre a ferrovia.⁹⁶

A partir do momento em surgem boatos de que o contrato para o arrendamento já estava pronto e que faltavam detalhes para o acerto entre governo estadual e federal⁹⁷ o *Correio da Noroeste* passou a adotar uma postura contra o acordo. Essas manifestações contrárias baseiam-se na divulgação de reportagens do ponto de vistas de jornais, políticos e de especialistas que trabalhavam na ferrovia de que o arrendamento não traria benefícios à população bauruense.

Primeiramente o jornal noticia que o *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro era contra o arrendamento da EF Noroeste. Afirma também que questões desse porte deveriam ser decididas após a comissão de técnicos que faziam uma consultoria da proposta, apresentar seus trabalhos ao governo federal.⁹⁸ Ademais, o jornal divulgou declarações de que o próprio Getúlio Vargas era contra o arrendamento da companhia, pois não via vantagens para o governo federal.⁹⁹ Dois dias após a publicação deste fato, outra reportagem continha declarações do ministro da Viação ao um matutino carioca

⁹⁴ O arrendamento da EF Noroeste **Correio da Noroeste** 12/07/31 p.1

⁹⁵ A Noroeste e o Lloyd em tráfego mútuo **Correio da Noroeste** 20/06/31 p.1

⁹⁶ O arrendamento da EF Noroeste **Correio da Noroeste** 26/09/31 p.1

⁹⁷ O arrendamento da EF Noroeste **Correio da Noroeste** 10/11/31 p.1

⁹⁸ NOB **Correio da Noroeste** 31/01/33 p.1

⁹⁹ O chefe do governo provisório é contra o arrendamento da E.F. Noroeste **Correio da Noroeste** 01/02/33 p.4

(não cita qual jornal) de que o estado possuía meios financeiros para manter a empresa sob seus cuidados e, portanto, o arrendamento não atendia aos interesses nacionais¹⁰⁰.

O contra ataque aparece 16 dias depois. Uma reportagem afirma que o *Diário da Noite* havia publicado na íntegra uma proposta remetida ao ministro da viação, pela EF Sorocabana para o arrendamento da EF Noroeste. O arrendamento seria feito por uma sociedade formada pelo estado e incluía um vasto plano de comunicação que serviria de São Paulo até Mato Grosso, chegando à Bolívia e Paraguai. O plano previa ainda um sistema fluvial e rodoviário sendo sua base o grande ponto coletor Santos – Bauru - Jupiá. Isso conectaria Mato Grosso ao porto de Santos e seria construída em Bauru uma grande estação para centralizar não só os serviços da EF Noroeste, mas também os da EF Sorocabana e da Paulista.

Outra reportagem no dia quatro de março de 1933 afirma apresenta fatores positivos para que o arrendamento fosse concluído. Ela afirma que, caso ocorresse, a Noroeste e a Sorocabana teriam apenas uma bitola em um trecho que faz fronteira com o Mato Grosso e outros países estrangeiros. Possuiria também apenas uma tarifa, evitaria transbordos caros e permitiria maior rapidez no transporte de produtos.¹⁰¹

Entretanto, no dia seguinte, o jornal afirma que, desta vez, daria palavra àqueles que são contrários a esta decisão, uma vez que na edição anterior apresentou fatos que mostravam as vantagens do arrendamento da companhia. Argumenta que, para os habitantes da zona noroeste, a concorrência existente entre a E.F. Noroeste e a Sorocabana sempre culminou com a preferência para transportar os produtos da região.¹⁰²

Além de ser incisivo nas reportagens contrárias à negociação da companhia, é possível perceber durante essa discussão que, ao publicar a reportagem que defendia os interesses daqueles a favor do arrendamento na segunda pagina da edição e a reportagem que era contrária ao acordo na primeira página do dia seguinte, o jornal coloca-se como um órgão que, indiscutivelmente, coloca-se contrário à conclusão do negócio.

A partir essa série de reportagens os boatos sobre a negociação entre governo federal e estadual deixam de fazer parte das matérias diárias do jornal. Podemos concluir que as reportagens se fizeram ausentes pela clara opção do jornal em

¹⁰⁰ O arrendamento do EF Noroeste **Correio da Noroeste** 03/02/33 p.1

¹⁰¹ O arrendamento da EF Noroeste pelo Estado de São Paulo **Correio da Noroeste** 04/03/33 p.2

¹⁰² O arrendamento da EF Noroeste **Correio da Noroeste** 05/03/33 p.1

defender seus interesses ou realmente porque o desgaste causado pela discussão esfriou os ânimos de quem estava interessado em fechar o negócio rapidamente.

Assim, o jornal passa a manifestar-se sempre com insistência de que o arrendamento seria prejudicial à cidade de Bauru. Uma reportagem afirma que Bauru precisava dizer ao governo o porquê a cidade posicionava-se contra essa operação. O jornalista é enfático em relação às desvantagens. Segundo ele, os fatores alegados pelo governo como vantagens independiam do arrendamento da noroeste. Poderia haver uma ligação entre o porto de Santos e a Bolívia, desde que o governo se compromettesse a conectar a ferrovia de Mairinque a Santos e alega que a tarifa única poderia existir se o governo do estado e a União conseguissem negociar. O principal, segundo ele, seria a perda de vantagens da região Noroeste devido à perda da concorrência que escoava suas safras em pouco tempo. Sem a concorrência, Bauru perderia velocidade no escoamento e passaria por dificuldades financeiras.¹⁰³

Em outra reportagem o jornalista apresenta, segundo o ponto de vista do jornal, a relação existente entre o progresso da zona noroeste e o arrendamento da Estação de Ferro. Afirma que a ferrovia, através do transporte de pessoas estimula e aumenta o numero de pessoas da região que utilizam os estabelecimentos comerciais da cidade, o Instituto do Comércio, o conservatório musical, serviços e estabelecimentos hospitalares, escolas secundárias (usa como exemplo a faculdade de farmácia que estava em projeto) e a Academia de Belas Artes. Era de interesse do bauruense que a cidade fosse um grande centro distribuidor de produtos comerciais e industriais e que o lucro para Bauru seria enorme se fosse possível encontrar na cidade o que, na época, se encontrava apenas na capital.¹⁰⁴

Deste momento em diante, a discussão nas páginas do *Correio da Noroeste* esfriou. Em uma reportagem de maio de 1933, o repórter diz que com as eleições, o arrendamento da noroeste ficou para segundo plano tanto para o jornal, quanto para os interessados em concretizar o negócio. Afirma esperar que ninguém apareça de novo com esse assunto e enfatiza que o arrendamento não é interessante para a região.¹⁰⁵

Os anos de 1934 e 1935 de fato não tocam no assunto do arrendamento e raramente boatos aparecem sobre uma possível nova negociação. Uma reportagem já

¹⁰³ O arrendamento da EF Noroeste **Correio da Noroeste** 15/03/33 p.1

¹⁰⁴ Contra o arrendamento da Noroeste **Correio da Noroeste** 21/04/33 p.1

¹⁰⁵ O falecimento do arrendamento da Noroeste **Correio da Noroeste** 06/05/33 p.4

em 1935 afirmava que um deputado estava apresentando uma proposta que tornasse possível uma nova discussão sobre o assunto no governo federal, mas o próprio jornal apresenta a reportagem como algo corriqueiro e não faz alardes sobre a notícia.¹⁰⁶

Assim como outros símbolos da modernidade da década de 30, como por exemplo, o rádio, o automóvel, o bonde, o gramofone, o cinema e a imprensa (Martins e Lucca (2006) a estrada de ferro era algo estritamente relacionado com a noção de progresso da cidade. Segundo o jornal, o arrendamento da companhia seria extremamente prejudicial ao progresso da cidade, pois geraria consequências negativas. Faria que o exportador da região perdesse a concorrência de três estradas de ferro para levar seu produto ao litoral, para ficar com apenas uma. Ademais, diz que o arrendamento provocaria êxodo devido ao desemprego gerado pela demissão de funcionários da companhia e devido aos prejuízos que afetariam o comércio.

Outra discussão importante era a respeito da implantação do sistema de bitola larga na E.F. Noroeste.uma reportagem afirmava que na Europa os trens funcionavam em sua maioria no que era chamado, no Brasil, de bitola larga. Os trens eram maiores, e podiam transportar sua carga em maior velocidade. Afirma que a Companhia Paulista oferecia à Noroeste a possibilidade de instalar em seu sistema a bitola larga. Entretanto, como o jornal criticava qualquer chance de arrendamento, o repórter afirma que Bauru jamais teria a oportunidade de melhorar seus serviços com o benefício deste tipo de tecnologia.¹⁰⁷

Em agosto de 1933, diretores da Companhia Paulista vieram a Bauru acompanhados de engenheiros para instalar, em breve bitola, larga nas ferrovias de Bauru. A reportagem novamente enfatiza que tal obra traria benefícios, tais como, redução no tempo da viagem, maior conforto e mais segurança.¹⁰⁸

Entretanto, essa questão permaneceria sem solução em Bauru por muito tempo. Em 1935 a discussão sobre a possibilidade de instalação de bitola larga em Bauru permaneceria sem solução. Em uma reportagem deste ano o repórter apontou para a questão levantada por um deputado sobre a possibilidade da implantação de bitolas largas em Bauru prejudicarem o tráfego da linha que conectava Mairinque a Santos.¹⁰⁹

¹⁰⁶ NOB **Correio da Noroeste** 08/09/35 p.1

¹⁰⁷ Raciocínio em trens de bitola larga **Correio da Noroeste** 28/05/33 p.5

¹⁰⁸ A bitola larga em Bauru **Correio da Noroeste** 24/08/33 p.2

¹⁰⁹ NOB **Correio da Noroeste** 13/08/35 p.1

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O levantamento bibliográfico baseou-se em discussões em torno de história da Bauru e região, história da imprensa, questões teóricas sobre o jornalismo, questões teóricas sobre a cidade; articulações entre imprensa, cidade e sociedade.

O trabalho de conclusão de curso possibilitou ao aluno compreender diversos temas relacionados à sociedade bauruense do início da década de 30, bem como as articulações políticas que envolviam a região a qual o jornal circulava. Ademais, foi possível refletir a respeito de sociedade e das formações urbanas, além da prática e os resultados da produção jornalística no *Correio da Noroeste*. É possível perceber a conexão entre os temas abordados neste trabalho dentro da sociedade. A relação entre eles nos permite obter uma melhor visão de como as relações sociais e as mudanças que ocorrem ao longo do tempo modificam as relações sociais existentes ao longo dos anos, no caso analisado, meses.

A política é fator de destaque e o que move o periódico, aparecendo como principal característica associada à economia. Isso porque a elite política brasileira no período ainda era muito ligada à questão do poder econômico, conquistado à partir das terras, principalmente pelo café. As principais reportagens de destaque, normalmente escritos pelo proprietário José Fernandes, abordavam questões como a crise mundial de 1929, os problemas da agricultura da região e do país e o comunismo.

O tipo de jornalismo empregado pelo diário se preocupava em fazer o papel de guardião, isto é, de vigiar a sociedade contra abusos de poder pelos representantes do governo e de defender os interesses da cidade de Bauru, segundo os interesses do jornal.

Além disso, o *Correio da Noroeste* demonstra ser um jornal preocupado em auxiliar a população através da prestação de serviços. As notícias sobre educação, melhorias na saúde e esporte costumavam aparecer em suas páginas através de campanhas, informações úteis à população e de incentivo a melhoria da qualidade de vida.

Sobre a parte tipográfica, através das leituras, é possível constatar que os padrões do *Correio da Noroeste* não correspondem aos dos grandes centros urbanos como São Paulo e Rio de Janeiro. Entretanto, os textos tinham qualidade e relatavam os acontecimentos locais, nacionais e até mesmo de importância mundial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, G. T.. **Imprensa do interior: um estudo preliminar**. São Paulo. Imprensa Oficial do Estado, 1983

BAHIA, J. **Jornal, História e Técnica: história da imprensa brasileira**. 4ª edição. São Paulo. Editora Ática, 1990

BARBOSA, M. **A História Cultural da Imprensa**. Brasil 1900-2000. Rio de Janeiro. Mauad, 2007.

BELTRAO, L. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre. Sulina, 1980

BRESCIANI, M. S. As sete portas da cidade. **Espaço & Debates**, São Paulo, n. 34, p. 10-15, 1991.

CAPELATO, M.H.R. **Os arautos do liberalismo: imprensa paulista 1920-1945**. São Paulo. Brasiliense, 1989.

CAPELATO, M.H.R.; PRADO, M.L.C. **O bravo matutino**. Imprensa e ideologia: o jornal “O Estado de S. Paulo”. São Paulo. Alfa-Ômega, 1980.

CASTRO, R. **O Anjo Pornográfico**. São Paulo. Companhia das Letras, 1992

COSTA, C. **Pena de Aluguel: escritores jornalistas no Brasil, 1904-2004**. São Paulo. Companhia das Letras, 2005.

CRUZ, H. de F. **São Paulo em Papel e Tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915**. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000.

DARNTON, R. Jornalismo: toda notícia que couber, a gente publica. In: **O Beijo de Lamourette**. Mídia, Cultura e Revolução. São Paulo. Companhia das Letras. 1995, p.70-97

FERREIRA, C.; MAHL, M. **Letras e Identidade São Paulo no Século XX, Capital e Interior**. São Paulo: Annablume, 2008, P. 138.

GARCIA, N. **O Estado Novo: Ideologia e Propaganda Política**. São Paulo. Loyola, 1982.

LAGE, N. **Estrutura da Notícia**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1993.

LOSNAK, C. J. **Polifonia Urbana**. Imagens e Representações – Bauru 1950-1980. Bauru: Edusc. 2004.

LOVE, J. **A Locomotiva**. São Paulo na Federação Brasileira 1889-1937. São Paulo. Editora Paz e Terra, 1982.

MARTINS, A. L. ; LUCA, R. ; **História da imprensa no Brasil**. São Paulo. Contexto, 2008.

MEDINA, C. **Notícia: um produto à venda**. 2 ed. São Paulo. Summus Editorial, 1988.

MELO, J. M. de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis. Vozes, 2003.

MONBEIG, P. **Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo**. São Paulo. Editora Hucitec, 1984

MUNIZ, S.; FERRARI. M.H. **Técnica de Reportagem Notas sobre a Narrativa Jornalística**. São Paulo. Summus, 1986.

NOBRE, F. **História da Imprensa de São Paulo**. São Paulo Editora Dições Leia, 1950.

PADILHA, M. **A Cidade Como Espetáculo: publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20**. São Paulo: Annablume, 2001

PELEGRINA, G.R., SERRA, N. do N. **Imprensa, um poder sempre vigilante**. Encarte do Jornal da Cidade. 04/10/87.

RIBEIRO, J. C. **Sempre Alerta**. Condições e contradições do trabalho jornalístico. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

ROLNIK, R. **A Cidade e a Lei**. Legislação, Política Urbana e Territórios na cidade de São Paulo. 2. ed. São Paulo. Studio Nobel/Fapesp.,1999.

ROLNIK, R. **O Que é Cidade**. São Paulo. Brasiliense, 1988.

SCHWARCZ, L. M. A Imprensa Paulistana In: **Retrato em Branco e Negro**. Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo. Companhia das Letras, 2001.

SILVA JUNIOR, J. A. da As Concepções do Jornalismo Digital na Cibercidade. Disponível em < <http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/artigos/1579.html>>. Acesso em: 12 jun 2009.

SODRÉ, N. W. **História da Imprensa no Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro. Mauad, 1966.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**, porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis. Insular, 2005.